

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Letras Modernas

Área de Língua Espanhola

**LEO CHAHAD ANDRÉ**

---

**Relações discursivas nas entre-línguas: efeitos de poesia no entremeio  
espanhol-português, escandido de guarani**

*Um olhar sobre “Mar Paraguayo”, de Wilson Bueno*

Trabalho de Graduação Individual  
(TGI) apresentado à área de  
Graduação em Língua Espanhola do  
Departamento de Letras Modernas da  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade de  
São Paulo.

**Orientadora: Profa. Dra. María Teresa Celada**

**São Paulo  
2007**

## *Banca Examinadora*

---

---

Prof. Dra. María Teresa Celada  
(Orientadora – DLM/USP)

---

Prof. Dr. Pablo Fernando Gasparini  
(DL-IEL/Unicamp)

---

Prof. Dra. María Zulma Moriondo Kulikowski  
(DLM/USP)

---

### **Suplentes:**

Prof. Dra. Ana Cecília Arias Olmos – DLM/USP

Prof. Dra. Laura Janina Hosiasson – DLM/USP

---

## *Agradecimentos*

---

À minha orientadora, Maite Celada, com quem tive o privilégio de iniciar um trajeto amparado por sua competência, dedicação e paciência. Meu profundo agradecimento por colocar-me face à Análise do Discurso e por inspirar-me em minha atuação profissional.

À minha mãe, Rosana Chahad, e minhas tias, Neusa e Nilsa, pela confiança, amor, apoio e pelos valiosos ensinamentos doados que me constituíram como ser humano.

Ao amigo de todas as horas, Cleber Luis Medeiros, pelo apoio e afeto dedicados a mim, diante da consecução deste trabalho.

À Marta Pérez Rodríguez, que “*plantó la semilla*” de minha admiração pela Língua Espanhola, graças a sua alegria, carinho e incentivo.

Ao amigo Luis Ricardo Bérnago, que me forneceu valiosas informações sobre minhas inquietações acadêmicas.

---

Los conflictos lingüísticos son juegos de suma cero:  
lo que uno gane, el otro lo habrá perdido”

*José Luis Heredero*

“Eu me identifico na linguagem, mas somente  
ao me perder nela como objeto”

*Lacan*

“No hay idiomas aí.  
Solo la vertigen de la linguagem”  
*Marafona del Balneário de Guaratuba  
(Mar Paraguayo, p. 13)*

## *Resumo*

---

O presente trabalho consiste em expor por meio de relações discursivas, aspectos da composição de *Mar Paraguayo*, de Wilson Bueno; através da referida composição literária, apresentaremos como o cunho confessional da obra está associado a uma relação de línguas em tensão. Nessa relação, veremos que o espaço para o que, dentro do confessional, chamaremos de desabafo se configura nas entre-línguas (entremeio português/espanhol, escandido pelo guarani), cujo funcionamento comporta o equívoco e o que aqui definiremos como efeitos de poesia. Desse modo, trabalharemos as relações que, na textualidade da obra, são possíveis de serem estabelecidas no espaço imaginário de uma fronteira do Cone Sul, identificando traços de uma memória e de uma subjetividade, a partir de um gesto de autoria que trabalha com o inconsciente e com a ideologia – tal gesto designamos como detentor de uma grande eficácia imaginária, capaz de representar uma oralidade, de nela fazer surgir uma subjetividade e de trabalhar a memória das línguas de fronteira.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso; portunhol; entre-línguas; memória; fronteira.

---

## *Abstract*

---

The present work consists of displaying by means of discursive relations, aspects of the composition of *Sea Paraguayo*, by Wilson Bueno's; through the related literary composition, we'll present as the confessional matrix of the workmanship is associated with a relation of languages in tension. In this relation, we'll see that the space for what, inside the confessional one, we'll call relief it configures in the between-languages ("entremeio" Spanish- Portuguese, scanned for Guarani), whose functioning holds the mistake and what here we'll define as poetry effect. In this manner, we'll work the relations that, in the textuality of the workmanship, are possible to be established in the imaginary space of a border of the South Cone, identifying traces of a memory and a subjectivity, from an authorship gesture that works with the unconscious one and with the ideology - such gesture we assign as detainer of a great effectiveness imaginary, capable to represent an orality, of in it making to appear a subjectivity and working the memory of the border languages.

**KEY-WORDS:** discourse; portuñol; in-languages; memory; border.

---

## *Resumen*

---

El presente trabajo consiste en estudiar, a partir de una perspectiva discursiva, aspectos de la composición de *Mar Paraguayo*, de Wilson Bueno. A través del análisis de la referida composición literaria, se mostrará cómo el carácter confesional de la obra está asociado a una relación de lenguas en tensión. En esta relación, se verá que el espacio para lo que, dentro de lo confesional, llamaremos “desahogo” se configura en las “entre-lenguas” (“entremeio” portugués/español, escandido por el guaraní), cuyo funcionamiento comporta el equivoco y lo que será definido como efectos de poesía. De este modo, el presente trabajo se centrará en analizar las relaciones que es posible establecer en el espacio imaginario de una frontera del Cono Sur que la textualidad de la obra configura y, también, en identificar rasgos de una subjetividad, la del personaje, que será abordada como siendo efecto de un gesto de autoría que trabaja con el inconsciente y con la ideología. Este gesto, al que le será asignada su eficacia imaginaria, se muestra como capaz de representar una cierta oralidad y en ella hace surgir una subjetividad en la que se debate la memoria de las lenguas en la frontera.

**PALABRAS-CLAVE:** discurso; portuñol; entre-lenguas; memoria; frontera.

---

## *Sumário*

---

<b>I. UMA RUPTURA GEOGRÁFICA.....</b>	<b>01</b>
Navegar por mares nunca antes navegados.....	01
<b>II. A LITERATURA ENTRE-LÍNGUAS.....</b>	<b>07</b>
2.1. <i>Rasgos</i> de uma Literatura Confessional.....	07
2.2. Linguagem Navegante: um gesto de autoria ancorado na literatura menor.....	13
2.3. O gesto estético e suas relações com memória e subjetividade .....	18
<b>III. UMA MALHA TECIDA LINGÜÍSTICAMENTE.....</b>	<b>25</b>
3.1. Nas entre-línguas e no entremeio: línguas que se perpassam na tessitura de uma tela lingüística.....	25
3.2. As portas do equívoco abrem-se aos vacilos da(s) língua(s) no entremeio.....	29
3.3. El juego-de-jugar: deslocamentos sígnicos entre significantes e significados e seus efeitos de sentido.....	32
<b>IV. A POESIA NO ENTREMEIO ESPANHOL-PORTUGUÊS, ESCANDIDO DE GUARANI.....</b>	<b>36</b>
4.1. Língua e poesia: agulhas que tecem uma tela de interpretações.....	36
4.2. No fluxo das marés: entre o oral e o escrito.....	44
<b>V. OS SENTIDOS DA INTERIORIDADE E A MEMÓRIA HISTÓRICA DAS LÍNGUAS.....</b>	<b>54</b>
5.1. Uma interioridade inapreensível – A manifestação de uma subjetividade .....	54
5.2. Os efeitos de uma história na relação com o guarani .....	57
5.3. A questão das práticas lingüísticas na fronteira: a historicidade presente na memória .....	65
<b>VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>
<b>VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>73</b>

## I. UMA RUPTURA GEOGRÁFICA

---

### *NAVEGAR POR MARES NUNCA ANTES NAVEGADOS*<sup>1</sup>

*El ueco del oco del medio no es propriamente el infierno más a el se acerca – con su movimiento desacelerado y en desacordo y lleno de todo que puede faltar a uno ser triste, así triste como yo, en lo término de la picada, cerca deste mar que, en el fondo, bien en el fondo, no escoji para que mi vida desse nele – assim como se fuera una botilla náufraga. (BUENO, 1992, p.51)*

Aviso aos navegantes: nosso trabalho se inicia no mar, um mar que alimenta férteis terras onde os sistemas lingüísticos naufragam enquanto **sistemas**, ao ficarem submetidos de forma contumaz ao **equivoco**, ao desarranjo, à instabilidade. *Mar Paraguayo* é uma breve narrativa do escritor brasileiro Wilson Bueno, que conduz o leitor a este naufrágio onde se cruzam as línguas, culturas e histórias, constituindo um verdadeiro entretecido verbal que transita – de forma permanente, com a constância dada por um **gesto de autoria** (cf. Orlandi, 1996) e pelo insistente errar de uma subjetividade – entre três **línguas em tensão**: português, espanhol e guarani – numa também constante tensão entre *oralidade* e *escrita*. Nessa tensão, salientamos a importância do guarani à obra, anunciada pela personagem como um aviso, ao iniciar o relato: este “es tan esencial (...) quanto el vuelo del párraro” (*Mar Paraguayo*, p. 13).

Neste ponto, consideramos necessário explicitar uma condição de produção de nosso trabalho, que se inscreve sob a óptica de um leitor que conhece o português brasileiro, como língua materna, e o espanhol como língua estrangeira, e desconhece a

---

<sup>1</sup> A idéia a qual o título faz alusão será explorada em sua polissemia ao longo do texto.

língua guarani – fato que de certa forma está previsto na obra, que traz um “elucidário” – previsto pelo gesto de autoria – das formas que, no referido idioma, aparecem nela. Este traço marca e (de)limita nossas condições de interpretação. De fato, mergulhar cada vez mais fundo e explorar a “vertigem da linguagem” em *Mar Paraguayo* envolve e coloca em jogo o “saber as línguas” e o “saber das línguas”, como veremos oportunamente; portanto, em nosso caso, o não saber (d)o guarani (de)limitará e configurará nosso trabalho de interpretação<sup>2</sup>.

Para ir designando melhor essa tensão **entre-línguas** – que, se pensarmos nas diferentes línguas que aí se entrecruzam, dá-se de maneira desigual como mostraremos adiante – introduzimos a observação do poeta argentino Néstor Perlongher, quem se questiona – no prólogo a *Mar Paraguayo* – se Bueno teria “inventado” um idioma particular, um “portunhol malhado de guarani” (Perlongher *apud* Bueno, 1992:8).

Sob a nossa perspectiva, não designaremos tal “idioma” como “portunhol” – porque tal designação poderia nos levar a pensar num determinado sistema de “mistura” de línguas com relação à realidade da fronteira português-espanhol; passaremos aqui a designá-lo, com base em definições de Celada (2002) que retomaremos oportunamente, como um **entremeio** (espanhol-português). Esse entremeio, escandido de guarani, compõe um entre-línguas que dá sustento à configuração de uma subjetividade, a da personagem central da obra. O funcionamento desse entre-línguas – retomando as reflexões de Perlongher (cf. *ibid.*) – é efeito de uma forma de compor similar ao do poeta argentino Francisco Madariaga,

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, reconhecemos que nos coloca aquém de certos sentidos, ao não sabermos se há, por exemplo, efeitos na sintaxe do texto produzidos pelo funcionamento do guarani.

cujas produções possuem uma aparência surrealista, ao operar com as línguas produzindo efeitos de grande sonoridade e ritmo.

De acordo com nosso olhar, as operações obtidas nesse entre-línguas, aliadas à simbiose de sonoridade e ritmo, proporcionam à obra uma densa **tela semântica**, na qual os significados transbordam os limites estabilizados, normalizados da linguagem. A narrativa, constituída dessa hibridez de considerável **potência semântica**, nos conduz a uma paisagem ilusória sugerida pelo título do trabalho de Gasparini (2004), intitulado “Hacia la subversión geográfica: ‘Mar Paraguayo’ de Wilson Bueno”. “Mar Paraguayo” é uma metáfora bastante clara, constitui um espaço imaginário que se projeta a partir de um **gesto de autoria**, de uma escrita – estes, com **eficácia imaginária**<sup>3</sup>, concedem um mar à geografia paraguaia.

Ao mesmo tempo, essa geografia nos lança a um oceano arraigado de signos que nos remete às imagens, idéias, alusões e paisagens, por meio dos quais os significantes nos conduzem à submersão, a um profundo mergulho na busca pela redenção da personagem, sob um constante vaivém por entre as línguas.

No presente trabalho, descreveremos como se organiza o estatuto plurilíngüe da obra, bem como a constante tensão entre falar/ contar/ desabafar, que inscreve essa textualidade numa distinta zona de testemunho, marcada pelo **desabafo**, como mostraremos ao desenvolver o item II – “A Literatura entre-línguas”. Ao percorrer esta zona, mostraremos as relações estabelecidas entre as línguas que se perpassam e se mesclam, no entremeio de culturas e falares que ficaram submetidos a processos histórico-sociais distintos.

---

<sup>3</sup> Cf. Orlandi, 2000, p. 39-41. Veremos em que consiste este conceito mais adiante, no decurso do trabalho.

Sob tais processos, língua e fala – subordinadas a uma **memória** de processos de dominação e de exclusão – produziram marcas no sujeito desse discurso confessional. Pelas marcas que compõem essa subjetividade – estruturada no acontecimento do discurso **entre-líguas**<sup>4</sup> –, observamos o momento em que as línguas se distribuem nas dimensões de **língua materna** e das ditas **línguas nacionais**, entrando em efervescência pelo fato delas habitarem uma subjetividade que as coloca num espaço de disputa. Assim, em seu trabalho de indagação, ou a personagem procura, ou se depara, ou vai ao encontro de pontos de identificação e captura – ainda que nessa busca apareçam também pontos de não-identificação, no caminho traçado nas entre-líguas. Esse movimento entre-líguas supõe deslocamentos no/do sujeito que lhe possibilitam sustentar a exploração e a busca que “não pode deixar de fazer”, pois a ela está atado de forma compulsiva – entra aí em jogo a rede de memórias a qual o sujeito está filiado, rumo à guerra e/ou paz com seu mundo, seja ele interior ou exterior.

Em nossa análise, detectaremos três dimensões a serem exploradas, que funcionam como um amálgama inextricável: um plano literário, lingüístico-poético e aquele onde se dá a indagação de uma subjetividade.

Em plano **literário**, conforme veremos no item II, faremos um recorte das características de cunho confessional da obra, de acordo com um aparato crítico-literário desse gênero, mostrando seu papel discursivo em meio à combinação de elementos que remontam à memória de um sujeito afetado por uma história.

---

<sup>4</sup> Dizemos isto tomando como base formulações de Orlandi (2001, p. 99).

Por meio desse recorte, veremos como o confessional está vinculado de forma intrínseca à dimensão ou plano **lingüístico-poético** (itens III e IV), a partir do qual pretendemos expor um “status” de língua(s) que afeta(m) um sujeito na linguagem desse entre-línguas, compondo uma rede lingüística de fios cruzados na qual esse sujeito vai se deslocando. Com base nas reflexões de Celada (cf. 2002:165), “o funcionamento material destas línguas solicitará desse sujeito sua ‘subjetividade’ e o obrigará a circular por diferentes posições”, originando deslizos, vacilos, deslocamentos e transferências que incidem sobre o sujeito ao circular pela (s) língua(s). Pensamos que isto tem um efeito de territorialização, reterritorialização e desterritorialização<sup>5</sup> (cf. Deleuze e Guattari), tanto no nível de autoria quanto no nível do relato, pois ambos os sujeitos – o da autoria e o do relato –, às línguas se submetem.

Nesse sentido, a dimensão da **língua-poesia** nos permitirá abordar um aspecto singular da criação de *Mar Paraguayo*: a produção de **efeitos poéticos** nas entre-línguas – entre o português/espanhol e guarani. Tais efeitos, associados ao referido anteriormente – especificamente no que tange à incidência de deslizos e vacilos do sujeito –, mostrar-nos-á que o **equivoco** é o agente disparador de sua produção, seja através dos deslocamentos sígnicos ou através das divergências léxicas entre os significados nessas línguas, culminando num jogo lingüístico<sup>6</sup> que trabalha sobre o sentido, com uma dinâmica **potência semântica**.

---

<sup>5</sup> Conceitos explorados por Deleuze e Guattari (1977).

<sup>6</sup> A enumeração que estabelecemos refere-se apenas a um dos jogos como o equivoco nas línguas; entretanto, não podemos deixar de assinalar que outros “jogos lingüísticos” são possíveis de serem trabalhados no espaço em questão.

Assim, tomando a reflexão que Pêcheux faz a partir de Milner (Milner *apud* Pêcheux, 1982, p. 336) de que “nada da poesia é estranho à língua”, que designamos a dimensão “língua-poesia”. Mediante a consideração e análise desta dimensão, trabalharemos a especificidade pela qual tal relação – entre língua e poesia – é convocada em *Mar Paraguayo*, interpretando a produção de um gesto de autoria que dá sustento a essa textualidade, ao tratar de compreender os sentidos que se produzem no que designamos como um **espaço imaginário**.

Ao adentrar esse espaço, exploraremos como se dá a **indagação de uma subjetividade** – a terceira dimensão que detectamos – considerando a história da língua guarani no Paraguai – uma sociedade bilíngüe na qual uma das línguas oficiais (o guarani) é de caráter, fundamentalmente, oral. O guarani – língua na qual a personagem encontra pontos de identificação preenchidos de sentido –, por corresponder a uma matéria que molda a realidade sensível nessa subjetividade excedendo a natureza física, permite-nos chegar mais perto da interioridade da protagonista. Este será um aspecto que trabalharemos fundamentalmente no item V.

Como aparato teórico geral, pretendemos trabalhar à luz de alguns tópicos da Análise do Discurso (AD), traçados fundamentalmente por Michel Pêcheux, na França dos anos 60 e 70, (des/re) territorializada por meio da reflexão levada adiante no Brasil por Eni Orlandi e outros pesquisadores desta área<sup>7</sup>. A partir da referida linha teórica, inclinaremos o olhar sobre os processos de significação e efeitos de sentido nas línguas, através do qual o trabalho de análise e interpretação sobrevirá transversalmente no texto, a partir de cada dimensão a ser explorada – todas elas fortemente entrelaçadas.

---

<sup>7</sup> Hoje, como observa Celada (2002: 14), graças a um trabalho de pesquisa multiplicador, essa reflexão vem ganhando múltiplos territórios em diversas instituições deste país.

## II. A LITERATURA ENTRE-LÍNGUAS

---

*“Os grandes escritores nunca foram feitos para se  
submeter à lei dos gramáticos,  
mas para imporem a sua.”*

Paul Claudel

### 2.1 “RASGOS” DE UMA LITERATURA CONFESSIONAL

*Mar Paraguayo* é uma composição de delicada inserção dentro dos gêneros literários: elementos de prosa e poesia se articulam, em meio a uma confissão que denuncia um gesto de escritura quase indefinível, dada a riqueza de sua composição; um mar de **prosa confessional** articulado numa **tensão entre-línguas** – eis *Mar Paraguayo*.

Neste momento, vamos nos ater a um aspecto inerente ao acontecer discursivo das línguas – de seus cruzamentos e de seu entremeio na personagem –, que permeia a obra do começo ao fim: a **confissão** com vistas à própria inocência. Acerca dessa inocência imposta por seu “eu”, vemos a configuração de um “eu” dividido: o “eu” em tensão que tece a tela do confessar/encontrar a redenção.

Desse modo, partamos então à abordagem acerca das possibilidades semânticas que a palavra “confissão” é capaz de denunciar, para que delineemos o campo de inscrição de *Mar Paraguayo* e suas relações com a literatura dita confessional.

Para tanto, tomaremos como vertente as considerações feitas por Dias Maciel (2005), em seu artigo “Termos de literatura confessional em discussão”, no qual aborda as características desse tipo de composição de caráter confessional. A autora

parte do sentido etimológico da palavra “confissão” (idem, p. 2) que, de acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, assume como sentido “desvelar”, “manifestar”, “dar a conhecer”; nesse sentido, parece-nos que, a partir do momento em que a personagem – no caso, a Marafona do Balneário de Guaratuba – vale-se de seu dizer para o **desabafo**, isto já nos insere em um universo de “desvelamento do eu” (Maciel, 2005:2) que a literatura confessional vem suscitar.

Através do que determinamos designar como um desabafo, isto é, como uma deriva angustiada e desejante que revela a franca expansão de todo um plano afetivo, de sentimentos e de pensamentos íntimos, designaremos também – a partir da análise do gesto de autoria de *Mar Paraguayo* – a indagação de uma subjetividade, por meio da qual a Marafona de Guaratuba despeja a confissão ao leitor, na medida em que se entrega a suas venturas e desventuras, alegrias e angústias, sob momentos de memória, reflexão e re-vivência de suas próprias experiências.

Por meio da confissão, promove-se a ilusão de que a personagem se desmascara, se desnuda por meio de seu texto, produzindo o efeito de uma proximidade, de uma intimidade entre aquele que confessa e aquele que ouve/escuta, ou até mesmo que num outro plano, lê. Ao entregar-se à memória de suas próprias experiências, num desejo quase involuntário, a “Marafona” as entrega a seu interlocutor – que é o leitor também e que, num determinado momento, é designado: “Doutor Paiva”. Sob a figura do referido “Doutor”, anunciado somente no final do texto, podemos aferir relações de proximidade e/ou intimidade ulteriores com o leitor, dando-nos a idéia de que tudo navega no fluir de sua consciência, ancorando-se numa certa **deriva** com a qual a personagem se identifica.

O já designado desabafo encontra sua condição de ser no meio de uma relação tensa entre as línguas, que se dá de modo desigual: o guarani não se subordina ao português e ao espanhol (ditas línguas maiores); ao contrário, mostra-se como uma língua que se governa por “leis próprias”, ao não combinar-se com as demais, ao passo que o espanhol e o português entrelaçam-se em rica simbiose – propiciada dentre outros aspectos por uma origem comum: o latim.

Esse modo de confissão em *Mar Paraguayo* – cujo ritmo e matéria subordinam-se ao desabafo (que impregna o relato) –, acontece de forma não-linear, isto é, não ocorre de maneira constante mas sim fragmentada e advém após momentos de reflexão, questionamentos e incertezas da personagem, escandindo o relato.

Ao falarmos em “confessional” estamos também sugerindo estabelecer outras especificidades dentro do referido gênero, que sejam capazes de significar a amplitude semântica que o termo “confessional” vem a suscitar. A partir das distinções feitas por Maciel (2005: 2-3):

[...] a literatura confessional equivale à intimista, autobiográfica ou memorialista, adjectivações que, apesar das suas idiossincrasias, costumam se remeter a textos escritos em primeira pessoa em que ocorre, em algum momento, não a descrição de alguma verdade, mas a apresentação de um ponto-de-vista particular que individualize a existência do eu que se inscreve, independentemente da sua existência extratextual.

Desse modo, a singularidade de *Mar Paraguayo* reside no fato de que seu caráter confessional comporte um intimismo, mediante traços autobiográficos que acontecem ao calor do discurso oral, num espaço onde a “marafona” passa a se entregar a seu leitor, contando particularidades de sua vida pessoal e acontecimentos vivenciados; a

partir desse discurso, o leitor vai tecendo e realizando suas projeções imaginárias em relação ao ato “criminoso” relatado – a morte “del viejo”.

Todo o caráter intimista da personagem está inscrito de forma muito especial no movimento das línguas de seu discurso, e no próprio desvelamento desse “eu”, que se mascara num vaivém de constante aproximação e recuo em relação a um interlocutor – que por vezes é ela mesma, outras vezes pode ser o doutor Paiva (designado, como já dissemos, uma única vez), mediante tratamento que indica um lugar social, que relacionaria esse interlocutor à lei, a uma confissão realizada no contexto de outras condições de produção.

À busca de um espaço que a tire do desassossego, da culpa de uma memória que a martiriza, a personagem sob a necessidade de se encontrar com sua inocência (e encontrá-la), não só se aproxima de sua suposta culpa para ressaltar seus sentimentos íntimos mais profundos, como também recua para obter um espaço que lhe fora tomado pelos processos de exclusão e apagamento da língua guarani no território Paraguai – território ao qual nos remete o título da obra: um **mar paraguaio** que, através do gesto estético de Bueno, ficaria legitimado “literariamente” nas entre-línguas. De fato, o guarani se apresenta no paradoxo: ao mesmo tempo que essa língua guarda concentradamente fragmentos que aparecem no discurso da marafona porque a capturam e, para ela, são plenos de sentido como veremos oportunamente, é incapaz – nesse *Mar Paraguayo* – de sustentar a estrutura e articulação do desabafo; por isso dizemos que apenas o escande.

Por outro lado, trazendo o conceito de memórias (em sentido plural, aplicado aqui em termos de Literatura Confessional) como construção literária em *Mar*

*Paraguay*, vemos que a obra possui o seu traço memorialista por meio da personagem, que é remetida a uma volta ao passado, para resignificar o presente. Esse presente tenta ser (re)significado e (re)construído, após ser de certa forma afetado por um passado que altera o presente da personagem. Assim, a cada momento em que o passado for contemplado, analisado a partir da memória, novos significados serão atribuídos a ele, não havendo separação entre sujeito e mundo.

Uma consideração interessante, tratada por Maciel (2004:79) acerca da memória, reside no fato desta ser tratada sobre vários ângulos: “se a memória pode ser concebida como uma metáfora que aglutina mentalidades coletivas, o estudo da memória se consolida pelo retorno à máquina mental ativa de cada sujeito”; assim, muitas das experiências vividas pela marafona em *Mar Paraguay*, são também compartilhadas por quem as lê – seja pelo desejo incontido de outro homem ou pela vida amorosa de estagnação, representada por meio de sua relação com o velho.

Desse modo, entra em cena o aspecto narrativo das memórias – como designação literária – de um eu que volta ao passado para compreender ou resignificar o presente, num frenesi constante entre o esquecimento e a lembrança, entre o individual e o coletivo, entre a construção da identidade e a impossibilidade de reconstruir o passado.

Em *Mar Paraguay*, Wilson Bueno modela na Marafona do Balneário, um eu multifacetado e fragmentado, que se constrói por meio de reminiscências do passado em que vivera como prostituta, valendo-se de traços intimistas, autobiográficos e memorialistas. O passado lhe vem à memória como flashes de uma vida desregrada, onde o desejo de um caso de amor com um jovem explorador entra em choque com

sua condição “pseudo-amorosa” (de ter um “velho” que a sustentava). O eu desvela-se, constrói-se e reconstrói-se, portanto, na figura do narrador-personagem que se encontra em Guaratuba<sup>8</sup>, num embate entre culpa e inocência, angústia e alívio.

Muito além da dicotomia culpa/inocência e angústia/alívio, a composição de Bueno constitui-se como um **gesto estético** articulado, que produz um imbricado jogo de significantes produtores de efeitos num espaço de enunciação imaginário – aquele que designamos no início como um “mar paraguayo” – explorando tonalidades e pontos de vista significativos valendo-se da literatura como discurso, em consonância com uma obra, inscrita numa literatura menor.

Neste sentido, o gesto estético coloca certas questões, ou querendo ser mais incisivos, “certas línguas no seu lugar”, conferindo sentidos a elas na relação com esse espaço, designado mediante o adjetivo “paraguayo” no título da obra. Faz então, na relação com esse espaço, operar diferentes investimentos de memória: línguas submetidas a situações de plurilingüismo ou diglossia, numa contradição real na qual a enunciação de um bilingüismo oficial às vezes implica ainda monolingüismo<sup>9</sup>.

Assim, essa relação desigual nas entre-línguas aparece na textualidade de *Mar Paraguayo*, pois o gesto estético de que falamos aciona um *continuum* de formas possíveis de dizer nessas línguas, a respeito das quais as relações da personagem são diferentes: há maior ou menor identificação de sua parte com essas formas de dizer – sendo que cada uma dessas línguas, por sua história, possibilita dizer o que a outra

---

<sup>8</sup> Cidade do estado do Paraná.

<sup>9</sup> Fazemos alusão aos espaços pelos quais o espanhol e o guarani circulam nas diferentes práticas sociais no Paraguai, ou seja, convocamos a disjunção que as remete, no real, ao que **pode** uma língua e não **pode** a outra (cf. Deleuze e Guattari, 1977), ao que cada uma pode fazer dizer, que dizeres pode sustentar.

não prevê nem torna possível.<sup>10</sup>

Tais considerações correspondem com as que realizam Daviña (1998:22), quem aduz: “*Mar Paraguayo* faz parte de uma literatura que materializa la práctica discursiva literária”; nela “no sólo contesta polémicamente a las posturas monolingues de los respectivos idiomas nacionales en cuestión, a los discursos puristas, sino que otorga estatuto poético a las mezclas que la oralidad ha gestado y sostiene”, conforme mostraremos nos itens seguintes.

---

## 2.2 LINGUAGEM NAVEGANTE: UM GESTO DE AUTORIA ANCORADO NA LITERATURA MENOR

Por sua engenhosa composição, por sua eficácia – produzida pela arquitetura ficcional de uma personagem de fronteira que emerge num texto de memórias, confissões e desabafo que só poderia falar, pronunciar-se nas **entre-línguas** – inscreveremos *Mar Paraguayo* no território de uma literatura na qual falam imaginariamente<sup>11</sup> universos de línguas e culturas distintas.

Ancorado nesse aspecto, nosso navio segue por águas mais caudalosas, onde a relação da literatura com o entrecruzamento das línguas maiores e do guarani evoca uma visão caleidoscópica (e microscópica) sobre a questão, onde múltiplas visões são possíveis, na medida em que esse dinâmico processo proporciona distintas formas de “movimento a uma identidade” (cf. Orlandi, 1998, p.203-212), em constante deriva nos processos de identificação.

---

<sup>10</sup> Fazemos essa observação com base nas reflexões de Deleuze e Guattari (1977).

<sup>11</sup> Mais adiante definiremos ao que nos referimos quando falamos de eficácia imaginária.

Por isso, como já antecipamos, é pelo efeito de uma constituição que o desabafo da personagem acontece nas **línguas que a falam** e a habitam, onde sua subjetividade se constitui por meio do efeito dessa estruturação, no acontecimento do discurso que tem lugar no corpo de um sujeito – este de uma região sócio-histórica de fronteira. A indagação que a leva à procura de uma redenção, mesmo que de certa forma velada, acontece nessa literatura em meio ao entrecruzamento das línguas e dos sentidos; assim, nessa subjetividade, falam e acontecem as línguas e a ela dão e trazem sentido.

Recorreremos às palavras de Perlongher, no prefácio da narrativa de *Mar Paraguayo*, para pensar a relação das línguas com a literatura:

[...] o mérito de *Mar Paraguayo* reside exatamente nesse trabalho microscópico, molecular, nesse entre-línguas (ou entre-rios) a cavalo, nessa indeterminação que passa a funcionar como uma **espécie de língua menor (diriam Deleuze e Guattari), que mina a impostada majestuosidade das línguas maiores**, com relação às quais ela vaga, como que sem querer, sem sistema, completamente intempestiva e surpreendente, como a boa poesia, a que não se quer previsível.” (p. 10-11).<sup>12</sup>

Propomos discorrer acerca das palavras de Perlongher explorando o conceito de literatura menor de Deleuze e Guattari. Para tanto, em primeiro lugar faz-se necessário recorrermos à definição inicial que os referidos filósofos formulam para caracterizar este tipo de literatura: dizem eles que “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior”, acrescentando que “a língua aí é modificada por um forte coeficiente de **desterritorialização**.” (1977: 25) (grifos nossos).

---

<sup>12</sup> Grifos nossos, onde Perlongher alude ao texto de Deleuze e Guattari (1977), conforme bibliografia.

A questão pode ser transposta para *Mar Paraguayo*: ao ganhar o espaço da literatura, “o histórico isolamento em que vivem as línguas da América Latina” (cf. Bueno, 2004) é colocado em questão, pois o espanhol e o português se cruzam, e ainda se entrelaçam a uma língua “indígena” – língua que já é de uma nação e de brancos; isto é, não é apenas de indígenas.

Temos então, a inscrição do real lingüístico da fronteira (nesse entremeio, que se dá entre essas duas línguas maiores) no espaço da literatura. Por meio dessa inscrição, cada língua desterritorializa a outra; e todas elas desterritorializam e reterritorializam uma subjetividade imersa nesse mar de línguas – num mar de culpa que assola uma subjetividade.

Nessa literatura, colocar a **funcionar intensivamente as línguas** e opor isso ao **funcionamento simbólico**, mais ou menos estabilizado de tais línguas (inspiramo-nos em Deleuze e Guattari, cf. 1977, p. 29-30)<sup>13</sup> é o recurso que permite “ir mais longe na desterritorialização”, graças à inscrição de uma das línguas maiores sobre a outra e ao movimento de recuo que estas, no entremeio, abrem espaço ao guarani. Nesse processo, o funcionamento do português e do espanhol é levado a seu limite, constituindo assim (também de acordo com os referidos filósofos), o problema de uma literatura menor: seria como arrancar da(s) língua(s) uma literatura “capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria” (Deleuze e Guattari, 1977: 30).

---

<sup>13</sup> Entendemos aqui o “funcionamento simbólico” das línguas como o funcionamento mais ligado a outras regiões do interdiscurso, que entra em relações de sentido mais estabilizadas e que trabalha apenas com o que é possível numa língua. Aqui trabalha-se o tempo todo o devir possível, incerto e improvável do português com relação ao espanhol e deste com relação ao primeiro, como diremos oportunamente, com base em afirmações de Perlongher (In: BUENO, 1992: 9).

Sob tais questões, em *Mar Paraguayo* está impresso o gesto estético, que interpretamos de forma mais abrangente como um **gesto de autoria** (cf. Orlandi, 1996), por sua forma específica de trabalhar a interpretação das práticas discursivas, de trabalhar as rotinas de uma memória discursiva e também de interferir em tais rotinas (cf. Orlandi, 1996, Payer, 2006).

Em seu processo de falar, contar, desabafar (desembuchar) nas entre-línguas (legitimado pelo gesto de autoria), verificamos a impossibilidade que condiciona esse sujeito a um querer-dizer entrar em choque com um **poder-dizer** – e um **poder-fazer** (cf. Haroche, 1992) –, numa compulsão que o leva a transitar pelas línguas (à busca do que cada uma “pode”, do que cada uma, com sua estrutura, lhe permite dizer e sustentar), numa espécie de “língua materna” que não coincide com uma, mas que se constitui como uma dimensão habitada por várias (línguas).<sup>14</sup>

Considerando-se que a língua constitui o sujeito (cf. Orlandi, 1996), a língua materna – isto é, a “língua que estrutura psiquicamente o sujeito” (cf. Revuz, 1998) –, é constituída em *Mar Paraguayo* por mais de uma língua, ou melhor, por línguas que se perpassam, correspondendo a mais de uma materialidade lingüística. Nesta perspectiva, se falarmos de língua materna para o caso da Marafona – como uma hipótese que se sustenta no adjetivo “Paraguayo” do título da obra, e na designação de histórias, línguas, sociedade que ele convoca – essa língua deve ser pensada como uma dimensão da linguagem que desborda às ditas línguas nacionais/oficiais e/ou

---

<sup>14</sup> Num trabalho mais avançado deveríamos refletir sobre o fato de se realmente é preciso designar esse entre-línguas como uma língua materna. Pensamos na questão ao apontar Payer (2005, p. 8-9), que retoma Serrani-Infante (1997) e Revuz (1998) ao falar sobre a impossibilidade teórica de associar a designação “língua materna” à idéia de uma língua falada pela mãe, dada a **heterogeneidade da língua materna** e a constituição de sua função – a partir de **materialidades lingüísticas diversas**, ou seja, de mais de uma língua específica.

estrangeiras ao afetar uma subjetividade, estruturada no acontecimento do discurso entre-línguas, como viemos formulando neste trabalho.

Nesse sentido, por meio da forma que o guarani se inscreve na textualidade de *Mar Paraguayo*, podemos identificar indícios de uma língua que foi excluída, mostrando no próprio sujeito esse apagamento, essa exclusão, denunciada a partir de um espaço utópico, onde o sujeito em sua condição inefável<sup>15</sup>, coloca-se entre esse **querer/poder-dizer**. Esse espaço é também constituído por uma tensão, regulada não só pela materialidade como também pela própria angústia da personagem sobre o dizer que está instituído, obrigando-a a transitar pelas línguas. Com isso, o gesto de autoria que produz o “espaço da realização” (cf. Haroche, 1992) – entendido aqui como um local que possibilita a expressão subjetiva – em *Mar Paraguayo*, é instaurado na contramão do poder de um Estado Nacional, trabalhando assim, à revelia de uma interpelação ideológica que nega a constituição lingüística e discursivamente heterogênea de um sujeito. Desse modo, em *Mar Paraguayo* também interpretamos o trabalho de uma autoria que reivindica a força das entre-línguas para a personagem, onde entram em jogo diversas questões de ordem política, histórica e cultural, das quais trataremos na última parte deste trabalho.

Retomando o conceito de literatura menor de Deleuze e Guattari, não podemos deixar de assinalar uma característica importante a ser ressaltada em *Mar Paraguayo*, ao caracterizá-la como literatura menor: o fato de que nessa classe de literatura “tudo é político” (cf. Deleuze e Guattari, 1977, p. 26), isto é, não há casos individuais que se ligam a outros também individuais. Na literatura menor “cada caso

---

<sup>15</sup> Cf. Apresentação de Milner ao texto de Haroche (1992).

individual é imediatamente ligado à política” (Deleuze e Guattari, *ibid.*), ou seja, há uma outra história que se revela nele, assumindo um valor coletivo, de um papel solidário e até mesmo revolucionário, que possivelmente opõe “o caráter oprimido dessa língua a seu caráter opressor” (Deleuze e Guattari, 1977:41). Desse modo, consideramos que há um poder outorgado à língua guarani e ao entremeio, pelo gesto de autoria que designamos, pois pensamos que esse andar nas entre-línguas – como tentaremos mostrar mais adiante – funciona dando acesso à protagonista aos seus sentidos interiores.

Diante do exposto, procuramos entrever relações que situem a obra de Bueno numa espécie de literatura menor<sup>16</sup>, imersa em línguas maiores, que coloca a protagonista diante de uma desterritorialização em sua “própria” língua, num fluxo discursivo que vai além do individual, para converter-se numa ramificação político-coletiva.

---

### 2.3 O GESTO ESTÉTICO E SUAS RELAÇÕES COM MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE

Por meio do que exploramos anteriormente, a importância que neste trabalho damos a *Mar Paraguayo* está basicamente expressa no seu gesto de autoria. Em entrevista concedida a Marcelo Pen, crítico literário do Jornal Folha de São Paulo, na revista eletrônica Trópicos, do UOL (Rede virtual do Universo On-Line)<sup>17</sup>, Bueno discorre acerca desse gesto:

---

<sup>16</sup> Vale lembrar que “menor” aqui não qualifica certas literaturas, mas sim, tal como dito por Deleuze e Guattari (1977:28), às condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que chamamos de grande (ou estabelecida).

<sup>17</sup> Entrevista realizada em 25/11/2004, disponível no site: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2484,1.shl>

*Mar Paraguayo* é um autêntico divisor de águas em minha trajetória literária. Além da necessidade íntima de dar uma *respuesta estética*, digamos, ao histórico isolamento em que vivem as línguas da América Latina, eu ansiava pela criação de uma personagem que fosse um pouco de nossa alma marafa, bandolera, brega e kitsch. Além de seu proposital mergulho no portunhol, no brasiguayo, um “idioma” que faz parte da realidade de nossa fronteira, da fronteira do Paraná com o Paraguai e Argentina, o “Mar Paraguayo” apresenta uma “realidade”, que mais não seja, geograficamente importante para as minhas raízes e origens...

A interpretação que Bueno faz de seu gesto coincide em boa parte com a que nós fazemos do mesmo: de nossa perspectiva, *Mar Paraguayo* apresenta um discurso onde narrador e personagem – que compartilham em solidariedade de um mesmo “eu” – constituem-se por meio de um mar de subjetividade, onde mergulhamos nas profundezas de um ser, em meio a um acontecer discursivo onde as línguas detêm o poder de uma **enunciação vacilante**<sup>18</sup>, que se constitui na fala. Essa força obtida por meio de um falar se dá tanto na criação de uma personagem que busca uma redenção ao se abandonar na angústia, quanto na produção de subjetividade submetida ao real de uma fronteira.

Sendo assim, retomaremos a questão da confessionalidade da obra – da qual já falamos – para podermos abrir espaço às questões inerentes à **memória**. Na relação com a subjetividade da personagem, a força de uma memória se faz perceptível por meio do caráter confessional da narrativa, que esboça contornos sinuosos à personagem (cuja voz coincide com a voz narradora) como uma entidade que verbaliza a própria autobiografia, na medida em que desenrola sua confissão.

---

<sup>18</sup> Termo designado por Paulillo (2004) em sua tese.

Já nos pronunciamos sobre considerar a subordinação da confissão ao desabafo da personagem, e também sobre suas relações com as “memórias” (no sentido literário); agora, traçaremos sua relação com a autobiografia – sobretudo porque esta nos permite mostrar com maior força, que *Mar Paraguayo* se inscreve numa literatura menor, na qual o individual se converte numa ramificação político-coletiva, como tratamos anteriormente.

Como já dissemos, a narrativa em *Mar Paraguayo* segue um curso onde toda a ação é predominantemente rememorativo/a – o que nos fez entrever a proximidade com o gênero ficcional da confissão. De modo a sustentar a questão, tomaremos como referência as aproximações ao tema propostas por Bruner, J. e Weisser, S. (1995)<sup>19</sup>, que tratam da prática da autobiografia literária, que no caso de *Mar Paraguayo*, se restringe ao âmbito da oralidade da protagonista.

Sob tal aspecto, que desenvolveremos com maior acuidade, percebemos que este “subgênero” da literatura confessional não é tão aparente quanto o cunho intimista e memorialista depreendido na obra. Além disso, será através do que discorreremos a seguir que operaremos com um conceito aqui aplicado em áreas diferentes – o conceito de memória nos âmbitos literário e discursivo –, assumindo portanto, distintas extensões de sentido.

A partir do conceito de “memória” da literatura, adentraremos no terreno da Análise do Discurso, onde operaremos com tal conceito, por meio do qual refrataremos nosso objeto. Assim, ainda no terreno da Literatura, partiremos do artigo “La invención del yo: la autobiografía y sus formas”, onde Bruner e Weiser

---

<sup>19</sup> Salientamos que os referidos autores trabalham numa linha do discurso distinta da nossa abordagem.

sustentam a idéia de que o sujeito textualiza sua vida de diversas maneiras: submetendo-a a constantes interpretações, como uma construção imaginária do “eu” (cf. 1995), e concluem que a memória opera sobre estas interpretações, ainda que hajam mudanças de conteúdos em textos subseqüentes (cf. id.).

Ainda segundo esses autores, fazer uma autobiografia é “(...) un acto sutil de poner una muestra de recuerdos episódicos en una densa matriz de recuerdos semánticos organizados y culturalmente esquematizados” (p. 185). Dessa forma, o exercício da memória produz interpretações encadeadas com as práticas e os atos dos sujeitos, reproduzindo sua própria versão dos fatos que lhe ocorreram – o que nos possibilita inferir um processo de “construção” e “reinterpretação” dos acontecimentos.

Assim ocorre em *Mar Paraguayo*, onde a própria versão dos “fatos ocorridos” – formulada pela personagem – possibilita mudar sua posição no discurso: de culpada à inocente. Nesse sentido, temos nessa escritura a representação de uma memória que traça o contorno de uma identidade feminina, social e discursiva, que se torna pública a partir do momento em que confessa.

Por meio dessa memória feminina, social e discursiva, trabalhada na fala da personagem, percebemos também traços da memória de um povo: o aludido pela “fronteira”, produzida pelo gesto estético em *Mar Paraguayo*; as marcas da fronteira são encontradas no entremeio espanhol-português escandido de guarani, que inscreve as relações dessas línguas na fronteira geográfica. Essa memória está no dizer da Marafona, enquanto memória histórica inscrita na língua; assim, na fala de nossa

personagem detectamos o funcionamento do que Payer designa como **memória na(s) língua(s)** (1999:07).

A relação estabelecida entre essa matéria entre-línguas com a escrita literária, por meio do gesto de autoria, lança o leitor a um confronto com a memória, com esse acontecimento da fronteira que se inscreve na(s) língua(s) de *Mar Paraguayo*; o gesto de autoria interfere nas rotinas dessa memória, tendo implicações tanto a memória histórica quanto sobre a memória do dizer. Podemos, então, identificar *Mar Paraguayo* com um “espaço polêmico das maneiras de ler” (cf. Pêcheux, 1997:57), que submete o leitor a um forte “trabalho de leitura”, no qual a memória – tanto a suscitada pelo gesto de autoria quanto a marcada pela personagem (efeito do referido gesto de autoria) – filia-se a uma rede de sentidos, que relaciona língua e história (como veremos mais especificamente na última parte deste trabalho), trabalhando com a ideologia e com o inconsciente.

No texto, a construção dessa memória, por meio da produção ficcional e poética, transforma-se em estratégia retórica e estilística. Desse modo, a partir de uma linguagem que se nutre das línguas em contato, mescladas e imbricadas entre si, consegue-se desencadear novas interpretações, novos olhares de leitura, novos julgamentos e condenações. Tal estratégia retórica desenvolve o discurso aplicado à defesa, usado como uma das mais antigas armas da humanidade, segundo Górgias:

O discurso é um tirano poderosíssimo; esse elemento material de pequenez extrema e totalmente invisível alça à plenitude as obras divinas: porque a palavra pode pôr fim ao medo, dissipar a tristeza, estimular a alegria, aumentar a piedade. (In: *Les présocratiques*, p.1033)

A protagonista – marafona do Balneário de Guaratuba – multiplica o sentido de risco e transgressão, de acusações, defesas, culpas, desejos e morte, ao lembrar sua história a partir de uma memória plurilíngüe – inscrita no entremeio espanhol-português e nas entre-línguas –, tomada como o escudo que a defende da culpabilidade por uma morte que lhe persegue:

No, no fue de sopetón que lo atire de la cama en el sofá, mais ainda para conterlo, ainda que mis manos temblassen nesta demência que deve preceder a los asesinatos humanos – sea el suicidio-escorpión, se ala vaga-veneno del viento. Somente lo cambie de asiento e ya, la tarea de morir, propriamente dita, esta fue exclusiva responsabilidad del viejo. De boca cheia puedo alardear, mismo que no se importen conmigo: no fue yo que lo mate, a el viejo. (p. 38)

Fixando-nos agora sobre outro horizonte nesse mar, focalizando o amálgama entre narrador e personagem, trataremos de outra questão pertinente à tipologia textual que os envolve: Norman Friedman, em “O ponto de vista na ficção”, desenvolve um conceito crítico para os diversos tipos de narrador, que tomaremos como referência para tratar a questão.

De acordo com sua tipologia, a leitura de *Mar Paraguayo* pressupõe – tal como já dito pela tônica de seu cunho confessional –, um tipo de narrador classificado como “eu (testemunha)”. Sob essa dimensão que passamos a explorar e consideramos como “um” dos aspectos da complexidade do texto que analisamos, nossa intenção é mostrar os recursos dos quais se vale o dito narrador-testemunha – recursos estes que imprimem ainda mais força à confessionalidade da obra.

O narrador-testemunha é um personagem em seu próprio direito dentro da estória, por vezes envolvido na ação e familiarizado com os personagens principais, por meio de uma fala em primeira pessoa:

A consequência natural desse espectro narrativo é que a testemunha não tem um acesso senão ordinário aos estados mentais dos outros; logo, sua característica distintiva é que o autor renuncia inteiramente à sua onisciência em relação a todos os outros personagens envolvidos, e escolhe deixar sua testemunha contar ao leitor somente aquilo que ele, como observador, poderia descobrir de maneira legítima. (Friedman, s/d: 17).

Desse modo, esse olhar também une forças para que pensemos tudo aquilo que a narradora-personagem pode transmitir (que não é tão restrito como pode parecer à primeira vista): ela desabafa e se abre para aliviar uma contenção moral, mostrando seus pontos de vista, e fazendo inferências em causa própria, sob a construção de um discurso ancorado na literatura e na(s) língua(s), como pudemos explicitar.

---

### III. UMA MALHA TECIDA LINGÜÍSTICAMENTE

---

*“O visível e o invisível não são tarefas para o escritor, mas para o pintor. O inescritível, como escrevê-lo? No entremeio, um sentinela com senhas.”*

Alberto Pucheu, em *A fronteira desguarnecida*

*“teço y teço y teço telaraña ñanduti: renda: rendados: rendêra imaginación fabril”*

Marafona do Balneário de Guaratuba  
*Mar Paraguayo* (p. 48)

#### 3.1 NAS ENTRE-LÍNGUAS E NO ENTREMEIO: LÍNGUAS QUE SE PERPASSAM NA TESSITURA DE UMA TELA LINGÜÍSTICA

Como o leitor já deve ter notado, de nossa perspectiva, a questão lingüística constitui uma condição de leitura e de interpretação de *Mar Paraguayo* e um dos motivos para isso tem a ver com que o trabalho nas entre-línguas oferece – como já dissemos – um alto valor poético à obra.

Perlongher, ao designar essa zona entre-línguas no prólogo à obra de Bueno, está pensando que esta é ideal à escrita literária, pois – de acordo com definições de Deleuze, de alguma forma, implícitas no texto do poeta – está do lado do informe, do inacabamento e, por isso, é um caso de devir (1997, p. 11). “Devir”, ainda para Deleuze, é justamente “encontrar uma zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação” (ibid.)” (Deleuze<sup>20</sup>, 1997 *apud* Celada: 2002, p. 112).

---

<sup>20</sup> Como referência ao texto de Deleuze, temos: Deleuze G. (1997). “A literatura e a vida.” In: \_\_. *Crítica e clínica*. Traduzido por Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1. ed., p. 11-16.

A partir daí, Perlongher pratica a identificação entre o que ele designa como “portunhol” com a língua da poesia, afirmando também que seu efeito é “imediatamente poético”<sup>21</sup>. Neste trabalho já nos pronunciamos a respeito, quando dissemos que preferimos designar a relação espanhol-português tramada no texto como um **entremeio**, e não como portunhol (cf. item I, p. 02). A condição definidora do que chamamos de entremeio possibilita compreender a constituição do entrecruzamento dessas línguas – entrecruzamento caracterizado por um funcionamento material que atinge uma regularidade absolutamente singular com relação à personagem que a pronuncia.

Esse entremeio que constitui o amálgama de línguas, como já dissemos no item I, o consideramos um jogo nas entre-línguas mais abrangente, que inclui o guarani. Se já navegar nas entre-línguas permitiria ao poeta ir além de um “código predeterminado de significação”, o entremeio permite-lhe ir ao encontro daquilo que é imprevisto: ancorar num mar onde o espanhol e o português brasileiro se atravessam, se perpassam, se entrelaçam, se separam, se distinguem –, dando margens a uma série de vacilos e deslizos aos quais o sujeito está submetido<sup>22</sup>, num constante vaivém de formulações e reformulações.

Sob tal processo, o imbricamento que se dá no entremeio espanhol-português, ressalta um movimento pela legitimação/conquista de um espaço pela língua guarani – um espaço denegado como língua pelas relações históricas com o Estado Paraguai, cuja referencialidade nos parece que está em jogo, como já apontamos em alguns momentos deste trabalho, no título da obra e no sentido produzido pela trama do

---

<sup>21</sup> Cf. Perlongher, in: Bueno, 1992, p. 9.

<sup>22</sup> Cf. Celada (2002, p. 173), que define o entremeio, com base nas formulações de Orlandi (1996, p. 23-35).

texto. O gesto de autoria é produzido então, por um sujeito que está inscrito em uma formação discursiva, por um autor afetado pelas problemáticas de fronteiras nacionais no Cone Sul. Assim, na conquista por este espaço, verificamos que as línguas maiores agem num processo de reterritorialização, a partir da intensividade de equívoco(s) a que essas línguas se expõem. O português **reterritorializa** o espanhol, pelas relações de continuidade/descontinuidade que entre essas línguas se tramam (cf. Celada, 2002:173), ao passo que o espanhol, ao ser reterritorializado, **desterritorializa** o português.

A designação de entremeio permite dar conta das relações de contradição a que o sujeito – ao ficar sujeito às línguas na fronteira – está submetido.<sup>23</sup> Por meio do efeito desse entremeio que designamos, podemos dizer que o português “cava” o espanhol, levando a materialidade desta língua ao limite do “possível”, do que ela, como base dos processos previstos por um interdiscurso, prevê como possível, desterritorializando-a até chegar no “impossível”.

Dizemos isso inspirados no trabalho sobre a relação espanhol-português de Zoppi-Fontana (1995), que citaremos no item 3.2, que submete e expõe a materialidade da outra língua ao equívoco, no sujeito e para o sujeito. Para compreender essa observação, lembremos que Perlongher dizia que uma língua é o “erro” da outra, seu devir possível, incerto e improvável (cf. Bueno, 1992, p. 9):

---

<sup>23</sup> Conceito que Orlandi (1996) constrói para definir a postura epistemológica da Análise do Discurso – uma disciplina que se faz no “entremeio” – junto a outros conceitos que a essa figura, a autora associa para formular sua definição: contradição, continuidade/descontinuidade, dispersão, a relação de oposição a respeito da idéia de “intervalo” (p. 23-35). Na Aula Magna pronunciada em 24 de abril de 2002, por ocasião das festividades pelos 25 anos do IEL/Unicamp, a pesquisadora também se utilizou do conceito de desterritorialização para falar desse “entremeio” (cf. Celada, 2002: 173).

Há entre as duas línguas um vacilo, uma tensão, uma oscilação permanente: uma é o “erro” da outra, seu devir possível, incerto e improvável. (In: Bueno, id., p. 9).

No trabalho com esse “funcionamento” de línguas no entremeio espanhol-português, escandido por fragmentos de guarani, percebemos um **querer-dizer** (cf. Haroche, 1992) inscrito no discurso e inscrito entre-línguas<sup>24</sup> – que é o que dá fôlego para que o fio do dizer avance, mesmo que seja com a angústia de um sujeito que não tem certezas, que não se apresenta como responsável “jurídico” pelo que diz, que fica afetado como “dono de seu dizer” – a partir de um **lugar de dizer** afetado pelo social, pelo histórico e pelo ideológico.

No trabalho de autoria, o entre-línguas – e mais especificamente o entremeio que vamos focalizar imediatamente nos próximos itens –, é elaborado literariamente para fazer surgir na textualidade, a subjetividade de uma personagem. Nesse aspecto, caracterizamos o desabafo da “Marafona” como um discurso de caráter polêmico, assim como inferimos a ele noções de polissemia, percebendo que suas condições de produção estão marcadas pela angústia e pelo “remorso”. Já com relação ao gesto de autoria, consideramos que ele é exercido num espaço de “liberdade” – uma espécie de “gozo” nas entre-línguas, que faz com que a personagem “fique muito à vontade” para seu “desembuchar”. É nesse espaço que emerge a tela lingüística nas entre-línguas, constituída pela materialidade histórica de *Mar Paraguayo*: na ruptura, na subversão, operando num espaço de re-significação; o que já remete a outros dizeres possíveis, a outros futuros para o dizer, que se constroem nesse “aflorar” subjetivo.

---

<sup>24</sup> Confessamos que detectar e designar essa condição lingüística (por nós considerada crucial na interpretação da obra) possibilitou-nos reconhecer e acolher a constituição polissêmica e aberta que caracteriza *Mar Paraguayo*.

### 3.2 AS PORTAS DO EQUÍVOCO ABREM-SE AOS VACILOS DA(S) LÍNGUA(S) NO ENTREMEIO

Da forma como uma autoria delinea seu gesto estético nas entre-línguas, decorre que o que designamos como um entremeio é estruturado por uma mecânica, cujas engrenagens submetem uma língua ao equívoco da outra – levando-a ao limite do possível como dissemos. Nesse processo, alcançam-se efeitos poéticos de extenso teor polissêmico, abrindo a possibilidade de que os sentidos sejam outros, tanto para a personagem de *Mar Paraguayo* quanto para seu leitor; nesse sentido, a textualidade da obra permite atualizar a memória de uma fronteira – a sinuosa e instável fronteira entre as línguas: espanhol e português – mediante um movimento contínuo entre paráfrase e polissemia, que segundo Orlandi (2001:111) nos permite:

[...] observar a repetição e os deslizamentos de sentidos, pelos efeitos metafóricos, transferências de sentidos em que jogam (...) regida pelas suas “qualidades”, seus “defeitos” e o imaginário da língua regido pelo “bom uso”, a “boa medida”.

Transportando essas considerações a *Mar Paraguayo*, vemos que, ao falar nas línguas a que está exposta, a protagonista imbrica cada idioma num fluxo constante – fazendo funcionar o singular e imaginário entremeio lingüístico –, sujeitando-se ao deslize, a partir do ponto-limite que organiza e estrutura psiquicamente as fronteiras lingüísticas em sua consciência; essa conjunção entre-línguas é a fagulha capaz de ativar a produção do equívoco.

De acordo com as considerações de Orlandi, o equívoco na língua pode ser interpretado como um “fato estrutural implicado pela ordem do simbólico” (1996:65), e o vincula com “um trabalho do sentido sobre o sentido” (Pêcheux *apud* Orlandi,

1996, p. 66), em meio a indefinidas interpretações. Como uma obra que se vale do equívoco para a criação poética, em meio a outras línguas, os constantes deslizes presentes em *Mar Paraguayo* são aludidos no prólogo “*Sopa paraguaia*”, onde Perlongher sintetiza:

Essa mistura tão imbricada não se estrutura como um código predeterminado de significação; quase diríamos que ela não mantém fidelidade exceto a seu próprio capricho, desvio ou erro. (In: Bueno, id., p. 8).

Roland Barthes em *O prazer do texto*, (cf. Payer, 2006, p.30) observa que o equívoco “se produz por um embaralhamento, sinônimo de obscurecimento, este equívoco da língua se vincula à tristeza de um não-acesso fundante por ela introduzido: ao outro, ao real, ao próprio do sujeito”. O trabalho nas entre-línguas e a sistemática de produção do equívoco que vinculamos ao funcionamento do entremeio – embora não de forma exclusiva – têm como efeito uma **saturação**.

A partir das considerações de Milner<sup>25</sup>, vemos que o entremeio – propulsor do equívoco – resulta em um processo uma desestratificação da língua como sistema. Vejamos os seguintes fragmentos:

(1) **El** existe – sobrado de incêndio y chama, lámpara en el fondo de nuestros **ollos** quemados. (Mar Paraguayo, p. 19)

No fragmento acima podemos apontar, por exemplo, o vacilo de “el” como “artigo” ou como “pronome sujeito”, afetando o estatuto morfológico desse “El” que fica reduzido ao próprio significante do espanhol e desestabilizando a frase (o enunciado) que encabeça. Vejamos, agora, o seguinte:

---

<sup>25</sup> De acordo com Milner (1989, p. 21) “lo real del equívoco resiste y la lengua por eso no cesa de ser desestratificada”. O estudioso está se referindo inclusive à concepção estruturalista de língua, segundo o qual está dividida em níveis: fonético, fonológico, morfológico, gramatical, léxico, semântico.

(2) **Si**, porque yo nasço a cada rato del rato del rato. E *seré* hasta no *ser* más possible. E logo *sereí* ali o que ya no lo *sô* más acá.

(Mar Paraguayo, p. 34)

Nele, está colocado em jogo o valor de uma condição e de uma afirmação (si/sí), interferindo nas relações da sintaxe. Por meio da vírgula vemos um deslocamento sintático na estrutura do fragmento, que impede o fragmento “si” de assumir o valor de um operador condicional, configurando-se (também) como um advérbio de afirmação: o efeito, como sempre acontece com o equívoco, é que temos como resolução não a univocidade, mas a permanência da equivocidade, do vaivém.

Assim, temos o equívoco com todas as suas formas desestratificando as línguas em *Mar Paraguayo*, sob uma sistemática, uma articulação, uma trama do entremeio que faz com que sobretudo o português desestratifique o espanhol ocorrendo também o inverso. Nesse sentido, gostaríamos de observar que o que se mobiliza aí é o **saber a língua** por parte do leitor e, também, o **saber da língua**<sup>26</sup>.

Além disso, retomando (1), com relação a “ollos” – e sem querer dar conta da série de desestabilizações que no fragmento citado entram em jogo – é possível apontar a substituição de “j” por “ll”, por conta das relações paradigmáticas: ojos/ollos/olhos/oyos (hoyos) que esse fragmento convoca.

O que faz o gesto estético, ao submeter a língua a tal desestratificação, é explorar o saber a língua e um saber da língua (um certo saber sobre seu funcionamento, um saber até metalingüístico) por parte de um leitor exposto ao

---

<sup>26</sup> Pautamos nossa reflexão, acerca de tais definições, com base em Celada, M. T. (2006). *Lenguas y discursos sobre las lenguas. Movimientos epilingüísticos y metalingüísticos*. Trabalho apresentado no IV Congresso Brasileiro de Hispanistas, Rio de Janeiro, 03 a 06 de setembro.

funcionamento intensivo do espanhol, cavado pelo português e escandido de fragmentos de guarani, afetando e comprometendo as construções imaginárias<sup>27</sup> edificadas pelos lingüistas.

Desse modo, procuramos ressaltar os mecanismos pelos quais o equívoco se constitui para que, mais adiante, analisemos tais deslizes.

---

### 3.3 EL JUEGO-DE-JUGAR<sup>28</sup>: DESLOCAMENTOS ENTRE SIGNIFICANTES E SIGNIFICADOS E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

Os diversos deslocamentos aos quais são submetidos os signos lingüísticos, entendidos aqui no sentido saussureano que os concebe por significantes e significados, formam o complexo jogo poético em *Mar Paraguayo*, por meio do qual o gesto de autoria solicita certa sensibilidade lingüística, bem como um saber das línguas.

O jogo poético postula uma prática de leitura que solicita ao leitor uma recomposição de tradução e um forte trabalho de interpretação (cf. Orlandi, 1996): para que possamos fazer parte desse jogo, nossa leitura fica submetida a um trabalho de tradução, que nos leva a uma recomposição da primeira leitura, a fim de extrairmos o(s) efeito(s) de sentido na interpretação.

Portanto, em *Mar Paraguayo*, a seqüência de enunciados nem sempre passíveis de serem descritos numa série léxico-sintática adquire pontos de deriva, que oferecem

---

<sup>27</sup> Entendemos como construções imaginárias as diversas categorias às quais uma língua é organizada, como por exemplo, de acordo com uma perspectiva estruturalista, que as hierarquizam em fonemas, morfemas, lexemas, etc.

<sup>28</sup> Fazemos referência a uma passagem de *Mar Paraguayo*: “esto relato solo quer y desea sê-lo uno juego-de-jugar” (p. 35).

lugar à interpretação por meio de uma trama organizada de memórias, num discurso “condenado” à tensão entre desestruturação e reestruturação dessa trama.

Com base em Celada (2002:113), devemos reconhecer que sob a esfera sígnica, no embate entre significante e significado, abandona-se “o campo da lexicografia, território no qual os vocábulos são tratados como signos e se amarra à deriva do significante”, neste espaço do tecer poético nas entre-línguas.

Voltando nos fragmentos (1) e (2) – página 33 –, poderíamos observar que prevalece o significante da oralidade, e a escrita fica subordinada a essa oralidade. Além disso, o primado do significante sobre o sentido é um recurso que fica reforçado em *Mar Paraguayo*. Designaremos esta forma de operar dessa textualidade como um “derramamento” do significante sobre o signo e o sentido, sendo que ele prevalece, ao convocar simultaneamente vários sentidos sem definição. Este efeito não opera sobre a palavra; ao falar de significante, estamos dizendo que opera em todos os níveis de um certo saber lingüístico: dos sons, da morfologia, da sintaxe, etc., tudo no entrecruzamento permeado pela oralidade.

Conforme Pêcheux (2006:51), para abordar o que é próprio da língua através do papel do equívoco, coloca-se em jogo uma rede de diferenças, alterações e contradições; em nosso caso isto está intensificado pelo entremeio, de acordo com a definição que apresentamos no item III. A isso acrescentamos o que coloca Milner em “A Roman Jakobson ou lê Boheur par la Symétrie” (in *Ordre et Raisons de Langue*, Seuil, Paris, 1982, p. 336):

- nada da poesia é estranho à língua
- nenhuma língua pode ser pensada completamente, se aí não se integra a possibilidade de sua poesia

Se uma língua é uma estrutura sempre exposta ao equívoco no acontecimento da enunciação, sempre aberta à equivocidade (se assim podemos chamar), o entremeio de *Mar Paraguayo* intensifica essa potencialidade e desencadeia um fluxo que nos remete à poesia.

Dessa maneira, delinea-se uma *ruptura* de sentidos logicamente estabilizados, fazendo com que a poesia surja a partir do momento em que a linguagem entra numa espécie de transe, “fora de si”, solicitando “a necessidade de trabalhar no ponto em que cessa a consistência da representação lógica inscrita no espaço dos ‘mundos normais’”. (Pêcheux, 2006:51). Nesse processo, verificamos uma disputa, uma tensão onde há em jogo a manipulação de significações estabilizadas, normalizadas, que remete o trabalho de leitura às transformações de sentido – que escapa a qualquer norma estabelecida, mediante um trabalho do sentido sobre o sentido.

Assim, o entremeio espanhol-português opera numa sistemática explorada pelo gesto de autoria; acerca de tal gesto, Celada (2002:115) destaca:

Eles atacam<sup>29</sup> – como já observamos – a “majestositade” de duas línguas, pois seu portunhol explora esse entremeio “explorando” uma ambigüidade que lhe é constitutiva: nessa sintaxe – construída para além da sintaxe de cada uma das línguas – uma linha de fuga permanente desterritorializa o espanhol, ao trazer à tona seu sempre possível “devir português”, e desterritorializa o português, ao dar vigor a seu sempre possível “devir espanhol.”.

Considerando o gesto estético do qual já falamos, recorreremos mais uma vez à designação de Perlongher (2000:254): “travesura del idioma frente a la carencia de las lenguas oficiales” para pensar o uso poético que a mescla entre o português e o espanhol propicia. A formulação de Perlongher coloca que o portunhol –

caracterizado por nós como entremeio – na poesia tem uma significativa diferença: nela a mescla entre as línguas não está condenada a uma difusão marginal (em quanto a seu status acadêmico), estigmatizada; comporta porém, um uso cujo sentido é positivo.

Nesse sentido, não podemos caracterizar essa tensão nas línguas somente como uma simples “travesura del idioma”, mas também ressaltar a importância do já caracterizado entremeio, onde encontramos a **legitimação da forma** ao serviço da indagação de um subjetividade, operado como um gesto estético.

A trama espanhol-português, no entremeio, é levada a extremos de forma a explorar abundantes deslocamentos de seus significantes. Ao referir-se a esse modo de produção que traz o efeito poético, Celada (2002:115) destaca:

A loucura pelas palavras que, no caso dos poetas do portunhol<sup>30</sup>, deságua na poesia se rebela contra o cordão umbilical que amarra o significante ao significado, para cortá-lo, reconstruí-lo ou transfigurá-lo.

É portanto, em função dos constantes deslizes, cortes, justaposições, aglutinações e das abundantes transfigurações de significantes – entendido aqui como as múltiplas combinações e cruzamentos em que ocorrem – que *Mar Paraguayo* está organizado, criando uma prosa poética que esbanja efeitos de sentido, num jogo com a leitura cuja experimentação nos conduz, de acordo com Barthes (Barthes *apud* Payer, 2006, p. 30): “à procura sem fim de um esclarecimento sem fundo, e que o separa dos consensos que, apartada da consciência sobre o equívoco, a literalidade da língua viria ilusoriamente garantir.”

---

<sup>29</sup> Celada refere-se aos “poetas do portunhol” que operam nesse entremeio, no nosso caso, Wilson Bueno.

<sup>30</sup> Genericamente utilizaremos a designação de portunhol, pela simples idéia de remeter à uma mescla entre o português e o espanhol. Salientamos que tal “imbricamento” se dá de forma mais complexa e menos “arquitetada” à submissão do equívoco, como o ocorre no nosso “entremeio”.

#### IV. A POESIA NO ENTREMEIO ESPANHOL-PORTUGUÊS, ESCANDIDO DE GUARANI

---

*“Debes tener en cuenta que el juego de lenguaje  
es, por así decirlo, algo imprevisible; es decir,  
que carece de fundamento. Ni razonable, ni  
no razonable. Es como nuestra vida.”*

Wittgenstein

##### 4.1 LÍNGUA E POESIA: AGULHAS QUE TECEM UMA TELA DE INTERPRETAÇÕES

Parafraseando a caracterização de Perlongher (2000:254), em nosso trabalho, que define o trabalho poético produzido nisso que chamamos um entremeio escandido de guarani – uma zona movediça e instável – concordamos que a busca do efeito poético não se dá pela simples mistura de línguas, onde ora se colocaria uma palavra, a representação de um fonema ou até mesmo um sintagma em português e ora em espanhol.

Nesse aspecto, já trabalhamos a questão do equívoco nas línguas associada à primazia do significante – este como propulsor do efeito poético que designamos por meio da potencialidade semântica que atribuímos ao texto. Partamos então, a uma análise dos diferentes procedimentos desse jogo poético produzido por um gesto estético de autoria – jogo onde a Marafona do Balneário de Guaratuba borda sua tela (num discurso heterogêneo), tal como uma aranha, num constante “feitiço”, cujo ingrediente fundamental é a **tensão entre (as) línguas**: o entremeio português brasileiro/espanhol, escandido de guarani.

Para que possamos ir mergulhando nesse mar, apontaremos alguns dos procedimentos ou operações que atribuímos ao gesto de autoria, disparadores do equívoco, salientando a potência semântica a qual nos referimos. Para tanto, debruçar-nos-emos sobre alguns aspectos trabalhados por Paulillo (2004), no que diz respeito à construção da enunciação, no interior do que designa como “discurso de si”. Sob tal discurso, o sujeito fala de si mesmo enquanto instância subjetiva, confessando diversos estados psíquicos que dele afloram (pensamentos e sentimentos experimentados) – Paulillo (2004) designa esse processo enunciativo básico, que caracteriza o discurso de si, por **enunciação vacilante**.

Na enunciação vacilante de *Mar Paraguayo*, a personagem está inteiramente tomada pelo dizer, numa espécie de “elaboração” do dizer de si mesma. Nesse processo, o discurso constrói imagens sucessivas, que se formulam e se reformulam, por meio de um **excesso** na linguagem, gerado por “uma aproximação em relação a um dizer pleno que não cessa de ser perseguido” (Paulillo, 2004: 165).

Assim, a partir do movimento de interpretação de *Mar Paraguayo* tecemos imagens que se sobrepõem umas às outras, numa disritmia em que o enunciado sufoca e se contorce por meio de excessos, que se estendem em orações subordinadas que crescem, dobram-se e desdobram-se, terminando em abismo: somos então tomados pela reverberação da presença quase física das imagens (de si, do outro, do mundo circundante, do passado) que recorrem sob o ritmo da insistência que produz a obsessão tecida pela linguagem da personagem.

Esse trabalho sobre a linguagem opera, como acabamos de dizer, sobre a (re)constituição do real e conduz o leitor (e o interlocutor/es) a uma ampla

reformulação das imagens, a uma experimentação dos limites do sentido (do inteligível, do interpretável), explorando faculdades como memória, imaginação, entendimento, razão etc. Nesse percurso, o pensamento e a criação, a partir desse trabalho lingüístico a que damos destaque, atingem uma potencialidade que refrata qualquer possibilidade de relação icônica, analógica, ou de imitação de um real<sup>31</sup>.

Sob a égide da “enunciação vacilante”, reverbera o efeito poético, que não procura simplesmente recobrir a experiência subjetiva da personagem com uma suposta verdade das coisas. De nossa perspectiva, “nomear” gestos e sentimentos dá repouso ao devir, onde a fuga do sentido representa uma falência ou uma fraqueza da racionalidade do sujeito em relação ao exterior, ao mundo. A constituição dessa experiência subjetiva se pauta pelo **excesso de dizer**: “dizer-mais” na procura incessante de chegar à imagem que reconstrua com fidelidade (efeito de analogia, de verdade etc.) o realmente acontecido. Dessa forma sobrecarrega-se o fio discursivo, mostrando assim, uma enunciação onde uma subjetividade acontece: se debate entre sentidos, sufocada, e procura, sempre procura.

A voz da “marafona” parece tomada por uma memória que afeta o dizer sobre os acontecimentos – uma zona silenciosa que faz pressão sobre a fala. A personagem parece afetada por regiões de não-dito em sua memória que solicita um mais-dizer, isto é, um movimento de dar mais precisão ao já dito, esgarçando os sentidos e imprimindo um excesso simbólico. Insistimos em salientar algo que acabamos de apontar: este excesso faz com que a cada novo gesto ou esboço interpretativo, o leitor seja obrigado a alterar sua perspectiva, pois os circuitos do pensamento, da

---

<sup>31</sup> Fazemos alusão ao texto de Sercovich; SERCOVICH, A. (1977). *El discurso, el psiquismo y el registro imaginário. Ensayos semióticos*. Buenos Aires: Nueva Visión.

lembrança, da reconstrução do passado que atribui à personagem em cada série de imagens, se recombina, se entretém – retomando o que já dissemos –, numa espécie de tela caleidoscópica, que assume uma nova forma a cada movimento. Na medida em que esse jogo de imagens percorre diferentes circuitos, cada deslizamento de sentido implica um novo processo de atualização e virtualização, onde o terreno se torna mais movediço, o sentido escapa<sup>32</sup>.

O ritmo da leitura está marcado por um trabalho de interpretação do sentido a partir de uma série de imagens inter-relacionadas, de imagens saturadas por uma **determinação**. Acerca de seu funcionamento, Paulillo (id.) mostra-nos que na escolha de uma espécie de “X”, por exemplo, – no que respeita a não coincidência palavra/coisa –, determinar “X”, por si só, não garante a adequação; assim, a determinação incide sobre “X” para melhor circunscrever o sentido, para obter a adequação. Contudo, nessa enunciação vacilante, os modos de determinação produzem, ainda segundo Paulillo, um efeito inverso que:

(...) ao invés de precisar, “esfumam” o sentido de “X”, projetando para um “além” discursivo, para um “depois”, o encontro desse sentido preciso. Nesse sentido, há saturação em relação a um vir-a-ser do sentido” (Paulillo, 2004: 165).

Nessa operação então, o sentido se tornaria mais “esfumado”, restando um algo cujo sentido ainda está incompleto, por se fazer e por conseqüência, “já vindo-a-ser”.

Vejamos abaixo, um exemplo dessa operação:

---

<sup>32</sup> Nesse sentido, além de quebrar o pacto da imitação do real, quebram-se, na oralidade, os implícitos de comunicação e interação, que inclusive permeiam inúmeras abordagens lingüísticas. Fazemos alusão às inúmeras abordagens ligadas ao interacional, ao conversacional; nessas abordagens, ocorre uma tentativa de reconstruir “um conjunto de fenômenos ligados ao jogo de imagens, papéis, territórios, negociações, em que a construção do sentido vai ser função da necessidade de agir sobre o outro, se distinguir socialmente, defender a própria face etc.” (Paulillo, 2004:136).

[...] **Chovia** las **lluvias** de júnio en el balneário. Densa névoa espessa, una **pasta** así de muchos días cuando las lluvias demás empezam a **empapar** los quintales y las calles. Un evocar de hadas por las ventanas: todo de bodas con el invierno, los sombreros se entreabraçabam numa orgia de hojas **molhadas**. (*Mar Paraguayo*, p. 37).

Nesse fragmento, podemos reconhecer o ritmo que articula a necessidade de mais dizer, cujo efeito é uma **saturação**, por meio do qual as repetições fazem transbordar os sentidos, servindo de combustível ao trabalho de interpretação – que, como já dissemos, navega num mar tempestivo, repleto de possibilidades, aberto à polissemia, habitado por sentidos à espreita. Temos aqui significantes ligados à água, à chuva, ao molhado, à pasta, ao empapado. Na busca da reconstituição do real, a imagem (que, no caso, “garanta” a visualização de um singular dia de chuva) é trabalhada pelo excesso de linguagem; assim, percebemos que, nos fragmentos onde mais se busca a reconstituição do real, a imagem aparece fortemente trabalhada pelo “excesso” na linguagem. O efeito de transparência aparece paradoxalmente “procurado” por meio da densidade do dizer entre-línguas e de uma oralidade que se submete à escrita.

Como parte do “dizer mais” que estamos trabalhando, queremos apoiar-nos nas reflexões de Orlandi para trabalhar mais um aspecto do funcionamento do texto em *Mar Paraguayo*. Segundo a autora, o **acrécimo**, ou melhor “o a-mais” (2001:109), define uma forma de apagar limites, que tem por função estender o discurso e o texto, ao mesmo tempo em que “põe em funcionamento mecanismos de ajuste imaginário”. Sobre o mecanismo do acréscimo incide o procedimento da **pontuação**, considerado por Orlandi como “lugar em que o sujeito trabalha seus pontos de subjetivação” (Orlandi, 2001:110). Considerada como marca da incompletude da linguagem, a pontuação atua sobre a constituição e a formulação do dizer, permitindo ver o modo

como a memória, em sua dimensão vertical, se atualiza (cf. Orlandi, 2001:111) na horizontalidade do fio discursivo, para administrar “a falta e o equívoco” (ibid.).

O trabalho da pontuação se esforça por constituir uma necessidade pragmática: é o “gesto de um sujeito que se situa em um mundo com suas dimensões em que o sentido é carregado de memória e o dizer tem sua extensão, seus segmentos, suas dimensões.” (Orlandi, 2001:116). Dessa forma, a pontuação influi nos efeitos de sentido em *Mar Paraguayo* e contribui à produção de seus efeitos poéticos, a partir das relações que o relato estabelece com o discurso e com a memória.

De forma a ilustrar a significação de tal procedimento, recorreremos a outra passagem da obra, na qual o texto é interrompido por uma construção diferente: a cada frase há o uso dos dois pontos. Esse modo de pontuar o texto pode representar a vida da mulher aos pedaços, as paradas que deu na vida até chegar ao nada, ou seja, àquela velhice vazia:

: acá me siento: ñandú: para urdir en el crochê mis rendas ñanduti: ñandutimichi: mínima florinha que se persegue con la aguja ni que sea el tiempo pacientíssimo de unas dos horas: (...).  
: sí, los escorpiones del corazón: ñandu: acesos te pegan, te pegan de todo –el bote ñandu ocurriendo mortal: sobrevivimos entanto: (...). : milacro: simulacro: ñandu: espejo de Dios: ñandu: mil alguna vez solitária ñanduti: la aguja como un oscuro deseo de sangre y muerte: el viejo a cada segundo más viejo: el niño: como pueden ser tan verdes, hovi, mbohovi: los ojos del niño con su miríade de puntos verdes haciendo la pigmentación: hovi hovi hovi: mi desespero fue mayor que la noche paraná: panamá: (...). (*Mar Paraguayo*, p. 42-43)

Na verdade, os dois pontos urdem o fio dessa cena no relato, constituindo a malha de um constante “dizer-mais”. Temos aí um movimento de acréscimo que

intervém na abertura da memória: os dois-pontos [:] estendem o dizer que reverbera no discurso impregnado de sentidos.

No funcionamento do acréscimo ao qual nos referimos, Orlandi (2001:109) também propõe dois movimentos inscritos no dizer: um que vai do interior para o exterior – ao qual chama de **expansão** – e outro que vai do exterior para o interior – designado por **inserção** ou **intrusão**. A partir de tais considerações, vejamos outra passagem, onde o acréscimo, por bem da repetição de significantes, potencializa os efeitos de sentido (que, na permanência dessa repetição, parecem reverberar ressonâncias para a personagem) e satura a linguagem:

El viento, **chororó, chororó** no entanto emude respostas claras, **chororó, chororó**<sup>33</sup>. (*Mar Paraguayo*, p. 29).<sup>34</sup>

Assim, temos a sensação de que o barulho da água repercute na personagem, expandindo seu murmúrio.

Passemos agora a um outro fragmento:

“Hay mis manos e todo lo que pueden sus infinitas capacidades, su fervor de matar ô murrir, su encendido furor cerca de la muerte e sus águas, **itacupupú, chiã chiã, tiní, chiní**<sup>35</sup>, sus águas de pura agonía, paraguas, mar de perdas y de rumares, **chororó, chororó, pará** de naufragados deseos sin limites ni frontera...”. (*Mar Paraguayo*, p. 25).

---

<sup>33</sup> De acordo com o “elucidário” de Mar Paraguayo, “**chororó**” é um murmúrio, um sussurro; designa o ruído que a água faz quando placidamente escorre – o equivalente da expressão popular brasileira “chuá-chuá”.

<sup>34</sup> Esses procedimentos remetem ao neo-barroco, com características modernas: “Imitativos ou não os recursos fônicos transportam-nos para um mundo de expressividade fônica, eminentemente melódico, em que a palavra e a frase não são meros instrumentos de comunicação e, portanto, se lhes falta transparência ganham, por outro lado, como valores em si”. (Freixieiro, 1971: 48)

<sup>35</sup> Para compreensão semântica, vejamos o léxico em guarani: **itacupupú** (água fervente ou fervendo); **chiã** (ruído da água quando ferve; chiado de roda ou de peito, das vias respiratórias; o barulho do arfar); **tiní** (ruído de água fervendo); **chiní** (também expressa o barulho da água quando ferve) e **pará** (mar em guarani arcaico; também constitui a matiz de várias cores, policrômico).

Parece-nos que é possível, neste caso, observar um movimento dado pela **intrusão**: diferentes significantes são colocados numa linearidade, onde todos eles perfazem um campo semântico equivalente. Como efeito dessa intrusão, temos o deslocamento de sentido evocado pelos significantes que remetem a uma incessante busca pelo preciso, pelo mais determinado ainda, reformulando e especificando a(s) imagem(ns) enunciada(s). A imagem de um mar em águas ferventes expressa a agonia da personagem, que deseja sem limites ter o amor de um rapaz em seus braços – amor que supostamente a faria sair de sua vida “marafa” – o que dá sustento a um desejo tomado por um imaginário de completude.

Nesse sentido, temos um sujeito que “trapaceia com a incompletude” (cf. Orlandi, 2001:126), isto é, procura incessantemente ter em mãos um leque de possibilidades semânticas, capazes de produzirem imaginariamente um ecoar de imagens completas, como podemos ver no fragmento:

Ah, taïhu, ah mboraïhu. Porenó en sus braços, porenó, porenó, mongetá.<sup>36</sup>

(*Mar Paraguayo*, p. 27)

A marafona de *Mar Paraguayo* está pensando em seu amor e desejando ter relação sexual com ele; para tal, expressa uma série de imagens que rompem com a “falta” daquilo que mais quer, criando uma completude imaginária que, em outros momentos, desaba, não se sustenta.

Entonces es el infierno. Añaretã, añaretãmeguá.

(*Mar Paraguayo*, p. 30).

---

<sup>36</sup> Vejamos o léxico em língua guarani: **taïhu** – amor; **mboraïhu** – fazer amor; **porenó** – ejacular; **mongetá** – fazer amor.

Em guarani *añaretã* significa “inferno” e *añaretãmeguá* quer dizer “coisa do inferno”. Muitas vezes essas palavras aparecem na textualidade de *Mar Paraguayo* nas passagens que demonstram os sofrimentos vividos pela personagem, como uma extensão desse sofrimento, levado ao limite, ao excesso como já salientamos.

Outro aspecto a ser considerado é a ambigüidade, como podemos observar no fragmento a seguir, no qual os sentidos eufóricos e disfóricos convivem:

Puro encanto, duro. Encantíssimo encantado.  
(*Mar Paraguayo*, p. 31)

Por meio das passagens que analisamos – tentando assinalar alguns caminhos de interpretação que poderiam ser aprofundados –, podemos ver que o discurso gerado pela voz de nossa personagem em *Mar Paraguayo*, por meio do gesto de autoria, está na radicalização da enunciação e da interpretação. Ao explorar “o que pode (dizer)” cada uma dessas línguas, levadas ao limite, esse gesto faz com que a magística do texto entre em encantamento, num jogo cujas operações transitam entre a *oralidade* e a *escrita* – modalidades da linguagem das quais trataremos a seguir.

---

## 4.2 NO FLUXO DAS MARÉS: ENTRE O ORAL E O ESCRITO

Ao falarmos das modalidades oral e escrita, temos de ter em mente que tais modalidades apresentam diferenças de ordem lingüística e discursiva, pois a escrita não se resume a uma mera transcrição daquilo que é oral – o que nos faz pensar que ambas as formas apresentam pontos de contato. Podemos associar essas duas modalidades aos gestos que neste trabalho designamos como “gesto de autoria” e “indagação de uma subjetividade”. Desse modo, a modalidade oral é conquistada

pela nossa “marafona” por meio da eficácia imaginária do trabalho de autoria que, no nível da escrita (que escapa à participação da personagem), contorna a oralidade com uma espessura própria, dada por sua materialidade.

Sob esse gesto, a escrita do autor é arraigada por uma hibridização constituída, de acordo com Bakhtin (1998: 156), por meio de uma combinação de no mínimo duas linguagens sociais, no interior de um único enunciado. Bakhtin afirma também que a hibridização instaurada de forma involuntária e inconsciente é uma das modalidades mais importantes da existência histórica e das transformações das linguagens, e acrescenta:

[...] no fundo, a linguagem e as línguas se transformam historicamente por meio da hibridização, da mistura das diversas linguagens que coexistem no interior de um mesmo dialeto, de uma mesma língua nacional, de uma mesma ramificação, de um mesmo grupo de ramificações ou de vários, tanto no passado histórico das línguas, como no seu passado paleontológico, e é sempre o enunciado que serve de cratera para mistura. (Bakhtin, 1998, p. 156-157)

*Mar Paraguayo* leva isso ao extremo, faz disso sua meta, seu objetivo, é um laboratório de transformação. É nesse ponto que conseguimos enxergar a constituição do já aludido jogo polissêmico, por meio de uma combinatória de elementos na escrita que promove a emergência do novo, do outro e do diferente, instalando sentidos que quebram com uma previsibilidade na ordem dos sentidos dominantes.

Desse modo, de acordo com Achard (1996:84), oralidade e escrita compartilham reciprocamente princípios discursivos para a produção do sentido, que se interceptam e se diferenciam. Nesse processo, segundo o estudioso, há uma tendência a distinguir o oral e o escrito a partir de um olhar normativo sobre a língua,

uma vez que a escrita assume um caráter social “engessado” e estável. Transportando tais considerações a *Mar Paraguayo*, devemos considerar que esse olhar normativo não é uma opção adequada para entrever relações entre oralidade e escrita, pois o trabalho estaria fadado a não ser capaz de designar a potencialidade do funcionamento da(s) língua(s) nesse mar articuladas.

Além disso, no que se refere à relação escrita/oralidade, consideramos necessário introduzir uma observação que julgamos fundamental. Ao referir-se à presença da modalidade oral num texto literário, Kulikowski (cf. 2002a) não a coloca como “língua oral”, mas sim como uma “representação” dessa modalidade que teria uma finalidade estilística ou funcionaria como uma estratégia discursiva, característica da ficção literária.<sup>37</sup> (cf. Kulikowski, 2002a).

A partir desses conceitos, pensamos que é necessário e produtivo para nossa análise afirmar que, em *Mar Paraguayo*, é possível observar uma representação da oralidade na escrita, e que esta última, como veremos, por meio de sua materialidade, afeta tal representação e lhe dá seu corpo. Para que possamos esboçar uma idéia da inter-relação das modalidades oral e escrita, apontamos para o trabalho de Daviña, “Navegaciones en Mar Paraguayo” (1998), assentado em bases teóricas da Semiótica.

A escritura, articulada ao gesto de autoria, propõe uma estabilidade grafemática de cruzamentos lingüísticos (cf. Daviña, 1998:11) através de um trabalho poético de

---

<sup>37</sup> Outro aspecto interessante tratado por Kulikowski (2002b) com relação à escrita da oralidade (na literatura) é a necessidade da primeira em recriar por meio das palavras as cenas enunciativas, de criar um universo situacional sem os recursos extralingüísticos da interação “cara a cara”. Em nosso relato, a espontaneidade, a expressividade e a proximidade são recuperadas pelo gesto de autoria, onde o escritor “sin posibilidad de *feed back* debe crear su próprio interlocutor, sin esperar reciprocidad” (2002b: 04).

codificação do oral ao escrito – não entendido aqui como um trabalho de simples tradução; assim, a partir das constantes permeabilizações do que é oralizado (num discurso escrito que aparece falado) e do que está transcrito (num discurso falado que está transcrito), uma simples tradução não comporta as sutilezas destas modalidades híbridas (oral e escrita) (cf. Daviña, 1998:11).

Ao trabalhar com os cruzamentos lingüísticos separadamente, Daviña (que não se serve do conceito de “entremeio” que aqui adotamos) aponta três modos pelos quais o trabalho oral e escrito se apresenta em *Mar Paraguayo*: a) a adaptação ou adoção da “outra” língua, que não se traduz; b) a tradução por entre as línguas; e c) a fusão de diferentes línguas que se realiza por meio do cruzamento lingüístico.

Tais modos de composição assinalam, segundo a própria Daviña (1998), as transformações da escrita combinadas no relato, levando-se em conta a complexidade de cada uma das línguas. De acordo com a classificação apresentada pela pesquisadora (id.:12), passaremos a fazer referência a algumas passagens da narrativa de forma a reconhecer as três operações propostas por ela : “adoção” [A], “tradução interlingüística” [TI] e “fusão heteroglótica” [FH].

As “adoções” [A] comportam diversas variações, como “mesclas de determinadas formas dentro dos sintagmas”, entrelaçadas por meio de ricas combinações lingüísticas, modificando o comportamento de verbos e de outros elementos léxicos que estão sob sua regência, como pronomes, preposições, conjunções, etc. (cf. id.).

Vejamos no fragmento abaixo uma pequena amostra dessa operação:

Yo soy la marafona del **balneário**. **A cá**, en Guaratuba, vivo de suerte.  
Ah, mi felicidad es un cristal ante el sol, adivinadora esfera cargada por  
el futuro como una bomba que se va a **explodir en los urânios del dia**.  
(...) (*Mar Paraguayo*, p. 15)

Na passagem acima, vemos que predomina a estrutura do espanhol (marcas pronominais, formas verbais, sintaxe) com inclusões lexicais em português (**balneário**, **explodir**, **dia**, **urânios** – em alguns casos apenas pelas marcas da escrita) e um dêitico que se cruza entre as línguas, num vacilo entre “A cá/acá/cá”.<sup>38</sup> Vemos também como se incrusta a modalidade oral no segundo enunciado, sob um tom de exclamação indicado pelo “ah” e reforçado pelas relações que trama a coesão lexical dada por “... felicidad-cargada-bomba-explodir...”.

As “traduções interlingüísticas” [TI]<sup>39</sup>, ainda segundo Daviña (1998), se formam a partir de uma combinatória – até mesmo excessiva –, que vai ao encontro do sentido por meio da sonoridade, pelos hiatos grafêmicos, pelas derivações e por uma própria combinatória poética. Seu rumo, de nossa perspectiva cria uma ebulição semântica e sígnica. Para indagar algumas ocorrências do que interpretamos que sejam as traduções interlingüísticas [TI] a partir de Daviña, podemos tomar várias passagens:

“El **infierno**, **añaretã**<sup>40</sup>, existe y se pone contra el mar (...)”. (p. 21)

“Casa antigua. Mi **tava**, mi **tavaiguá**<sup>41</sup>.” (p. 20)

---

<sup>38</sup> Neste caso não sabemos se as aspirações do guarani (um aspecto supra-segmental) não seriam também responsáveis por produzir nesse vacilo um efeito.

<sup>39</sup> Esclarecemos que, de acordo com nosso dispositivo teórico, as “traduções interlingüísticas” se explicam pela indagação de uma subjetividade: se explicam a partir de um sujeito entre-línguas que se indaga no entremeio de uma fronteira à procura da **identificação**, como fruto do trabalho de um gesto de autoria (estético) que dá a tudo isso seu (devido) lugar.

<sup>40</sup> **Añaretã** – “inferno”, em guarani.

<sup>41</sup> **Tava** – “aldeia”; **tavaiguá** – “aldeia natal”.

Nos fragmentos acima, nas formas em guarani – numa relação que poderia ser vista como de tradução a respeito da forma em espanhol ou no entremeio (“infierno”, “casa [antigua]”) – percebemos uma operação de determinação do sentido, por meio de uma intensificação emocional ou afetiva marcada pelo tom da fala da marafona; os vocábulos em guarani precisam e ampliam o sentido dado, trabalham a incompletude daqueles aos quais se somam, re-trabalham a relação referencial; muda aí a designação e as relações de sentido com que entra o significante em guarani. Pensamos que opera aí um grau a mais de determinação, muito ligado à forma dessa língua “fazer sentido” para a marafona.

Vemos também passagens onde ocorre a amplificação do sentido, por meio de uma propagação de associações a partir, por exemplo, do significante “hormiga” inclusive “classificando-as”:

(...) gran exércitos de **hormiga**. (...) **hormiga, tahiĩ, tahiĩguaicurú, hormigas**, chilreantes, **tahiĩ, tahiĩguaicurú, aririi, aracutí, pucú**. (...)<sup>42</sup>.  
(p. 33)

O significante “hormiga” desata uma metonímia que leva, de acordo ao que lêmos no “elucidário” da obra, a uma determinação cada vez maior, que inclui uma espécie de classificação das “hormigas”.

Há, no entanto, outro tipo de relações entre as línguas em *Mar Paraguayo*, que focalizamos a partir do conceito de [TI] de Daviña:

“Tengo **medo**, tengo mucho **miedo** do que se puede, (...)” (p. 19)

“(...) el deseo de **siempre y sempre más e mais** amor (...)” (p. 19)

“(...) bebidas e enlutadas canciones de cabaré, el **humo**, el **fumo**, (...)” (p.24)

---

<sup>42</sup> **Tahiĩ** – “formiga”; **tahiĩguaicurú** – espécie de formiga, da classe das *Ecyton crassicornis*; **aririi** – “formiga voadora”; **aracutí** – sinônimo de formiga voadora; **pucú** – largo; alto e delgado.

As relações entre os significantes que destacamos – medo/miedo, siempre/sempre, más/mais, humo/fumo – parece-nos que têm a ver também, com uma operação de determinação de sentidos que a passagem de uma língua à outra produz para o sujeito da enunciação; também, teria a ver com os efeitos de sentido que para essa subjetividade evocam os sons ou a prosódia da língua; teria a ver, portanto, com o gozo da língua (cf. Celada 2002) – na passagem para um ditongo ou no abandono deste; na diferença dada pela bilabial surda no par “humo/fumo”. Nessas passagens, reconhecemos o gesto de autoria que explora o limite, a fronteira das línguas, numa espécie de “capricho” que brinca, que joga e manipula a matéria das línguas.

“**Chovia**. Las **lluvias** de júnio (..)”. (p. 37)

Na passagem de “chovia” para “lluvias”, pensamos que a “ch” poderia evocar uma possível pronúncia da personagem, um “yeísmo rehilado”, talvez.

Já as “fusões heteroglóticas” [FH], além de explorar as distintas “mesclas sintáticas entre os idiomas”, explora também “diferentes formas grafemáticas”, segundo as possibilidades das línguas (cf. Daviña, 1998) produzindo deslocamentos de sentido em âmbito inter/intralingüístico. Tomamos como exemplo a seguinte passagem:

El pánico outono com freqüência se **avizina** de las cercanias misteriosas de la muerte. Entonces es el infierno. Añaretã. Añaretãmeguá<sup>43</sup>. Sinto **así como sea uno apertar-se en solo assombro el abraço sofrezado** de mi vida de errores y conveniencias. (...). (*Mar Paraguayo*, p. 30)

A fusão heteroglótica é identificada no momento em que os grafemas do português fundem-se com as formas do espanhol, imprimindo em nível sintático combinações

inusitadas, como em “*así como sea uno apertar-se en solo assombro el abraço sofrezado*”.

A fusão heteroglótica [FH] possibilita também a criação de novas formas nas línguas, a partir daquilo que estas lhe possibilitam, como se pode ver:

**titiquitita** – diminutivo recorrente na expressão oral em espanhol;

**Brinks** – nome do rapaz por quem a “Marafona” era apaixonada, que se converte em **Brinks’i** (em tradução re-criada seria, uma expressão de afeto da marafona: Brinksinho); depois em

**Brinks’imi** (Brinksizinho); também **Brinks’michî** (Brinksisinhinho) e depois em

**Brinks’michîmirá’yimi** (Brinksisinhinhozinho) para finalmente chegar à forma

**Brinks’michîmirá’itotekemi** (Brinksisinhinhozinhozinhozinhozinho).<sup>44</sup>

Percebemos na segunda ocorrência tamanha aglutinação de sufixos diminutivos acoplados ao nome próprio, *Brinks*, realizado em guarani, dadas suas possibilidades morfológicas, que se repetem inúmeras vezes, acrescentando ao nome forte carga de afetividade. Assim retomamos aqui, de nosso ponto de vista, um movimento que oferece densidade ao guarani, levando-o a seus limites e reterritorializando-o ao serviço de um trabalho de determinação, que se sustenta na possibilidade que a estrutura dessa língua permite – e que, de nossa perspectiva, é levada a um extremo pelo gesto de autoria, numa espécie de estética do “uso intensivo da língua” (cf. Deleuze e Guattari, 1977, p. 29-30). Dessa forma, a língua guarani funciona a favor da apreensão do inapreensível, na busca de (re)constituição do real que sufoca a marafona: possibilita o acesso àquilo que só pode ser visto através de um microscópio,

---

<sup>43</sup> Na passagem vemos uma repetição lexical em guarani, que soa como uma espécie de ladainha, repetida ciclicamente em seqüências anteriores.

<sup>44</sup> O referido fragmento encontra-se na fala da Marafona, sobretudo nas páginas 57 a 63, onde o nome próprio “Brinks” ganha cada vez mais carga de afetuosidade, em virtude das aglutinações com o guarani, conforme explicitado no elucidário da obra.

algo quase invisível que, na sugestão do texto, não se pode ver ou que efetivamente “não existe”.

Vemos também que muitas expressões apresentam um trânsito entre o português e o espanhol, configurando uma trama no entremeio, e originando formas inusitadas, que solicitam nossos saberes: “o saber o espanhol” e o “saber o português brasileiro” e que exploram a tensão polissêmica que sua matéria produz. Vemos isso nos seguintes fragmentos:

- **así**, que instala o vacilo entre “assim”/ *así*;
- **ansienedad**, que remete sem estabilidade a *ansiedad/ancianidad*<sup>45</sup>;
- **sin**, que desestabiliza o espanhol, ao anular seu sentido pleno (sin/sem) instaurando o sentido que remete à afirmação “sim”/ *sí* – e que evoca, também, questões relativas à oralidade, à pronúncia;
- **quíças**, corresponde ao sentido (“quíçá”/“quíças”) em ambas as línguas;
- **párraro**, forma em que se trabalha uma substituição que passa pela escrita e pela pronúncia das formas “pássaro”/ *pájaro*.

Essas e outras possibilidades são exploradas em *Mar Paraguayo*, onde “el monolingüismo se transgrede, se abandonan los límites y se navega en aguas heterolingüísticas sin faros gráficos” (Daviña, 1998:16). Assim, vemos que esse modo de escrever pressupõe um trabalho de costura, onde a tessitura de um emaranhado lingüístico compõe um verdadeiro tecido enunciativo.

Salientamos, porém, a dificuldade em simplesmente fazer operar as categorias propostas por Daviña, na análise de *Mar Paraguayo*: sua textualidade escapa à previsibilidade que elas lhe imporiam, além de não comportar o jogo que a obra produz nas entre-línguas (entre as línguas); assim, o entremeio português-espanhol,

---

<sup>45</sup> Para um falante nativo de espanhol, “ancianidad” é a possibilidade apontada a partir de “ansienedad”.

escandido pelo guarani, supera tais categorias, que são colocadas em xeque pelo **imprevisível**, uma marca do gesto de sua estética.

Nesse sentido, abre-se em *Mar Paraguayo* – como já dissemos – um espaço imaginário que se equilibra entre sua existência e a anulação de si mesmo, a partir dos cruzamentos lingüísticos, onde as constantes releituras abrem espaço às diversas passagens e interpretações, por meio dos deslocamentos de sentido – cabe ao leitor seguir a leitura tecendo e destecendo sua teia poética.

---

## V. OS SENTIDOS DA INTERIORIDADE E A MEMÓRIA HISTÓRICA DAS LÍNGUAS

---

*“Mas antes de mais nada e ainda por cima, eis o corte duplo de uma lâmina aguda que eu gostaria de te confiar quase sem dizer uma palavra, sofro e gozo com isto que te digo em nossa língua dita comum: “Sim, eu só tenho uma língua, ora ela não é a minha”.*

Jacques Derrida

### 5.1 UMA INTERIORIDADE INAPREENSÍVEL – A MANIFESTAÇÃO DE UMA SUBJETIVIDADE

Por tudo o que expusemos aqui, especialmente no item II, devemos dizer que o gesto de autoria de *Mar Paraguayo* trabalha, aproveita, explora a paradoxal inefabilidade constitutiva de um sujeito falante. Milner (s/d, *apud* Haroche, 1992:13), ao questionar a proveniência do desejo existente nas Ciências da Linguagem de estabelecer uma partição radical entre o dito e o não dito, diz que esta “se dá entre a inclinação da subjetividade para uma interioridade inapreensível”, ou “indizível”, solicitando uma “exigência de literalidade”, de completude, de clareza, de responsabilidade pela palavra que as práticas de interpelação de um sujeito com relação à língua (a ser sujeito dela, a estar sujeito a ela) lhe impõem, nas várias instâncias dessa interpelação – escola, em especial.

Pode-se dizer que o gesto de autoria em *Mar Paraguayo* opera com o **indizível**, num trabalho com a linguagem que acolhe a personagem habitada por língua(s) de fronteira como um divã o faria: segue seu curso enquanto os mais íntimos segredos são revelados, as angústias são expressas e o desabafo é por vezes, um

bálsamo. A marafona do balneário de Guaratuba revela seus desejos, seu amor por um jovem, e a dúvida (bem como a negação dessa dúvida) pela morte do velho – na medida em que narra – e se diz em – toda uma trajetória, amparada pelo gesto de autoria que explora uma linguagem habitada por línguas que se cruzam, e explora silêncios, silenciamento(s), a reticência e a alusão, num espaço aberto pela enunciação que ecoa um **querer-dizer nas entre-línguas**.

Remetendo a essa questão, a estreita relação entre a memória das línguas – em especial da língua guarani<sup>46</sup> – e o “querer dizer”, em *Mar Paraguayo*, entram num processo de irredutibilidade, caracterizado por Orlandi (1992: 75) como uma “manifestação visível da política do silêncio”. Segundo a pesquisadora, “a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada.” (ibid, 1992: 75).

Assim, neste processo a personagem situa-se entre o querer dizer e o poder dizer, afetada, também, pela língua guarani e pelos silenciamentos a que essa língua foi submetida na história: o Paraguai é uma nação bilíngüe, onde uma de suas línguas oficiais é o guarani. Dadas às questões que giram em torno do problema de bilingüismo no Paraguai, buscaremos entrever a identidade lingüística da sociedade paraguaia ao redor da língua guarani; porém não apenas, também tentaremos focalizar suas relações com as outras línguas: o espanhol e o português. O signifiante

---

<sup>46</sup> Ressaltamos nosso conhecimento das zonas de funcionamento do espanhol e do português brasileiro; porém salientamos nosso desconhecimento em torno da língua guarani, razão pela qual não nos detivemos em analisar, em seus diversos níveis da linguagem, os fragmentos que aparecem em *Mar Paraguayo*. As questões referentes à língua guarani foram desenvolvidas com base nos teóricos citados ao longo do trabalho, em especial, sob as reflexões de Bartomeu Meliá.

“Paraguay” do título da obra nos autoriza a estabelecer essa série de relações a que nos propomos.

As relações de identificação com o guarani e com as outras línguas podem ser reconhecidas no fio do discurso da protagonista de *Mar Paraguayo*: nesse fio, nessa malha das entre-línguas, essa língua implica para ela pontos de identificação fortes, reveladores de seus sentidos interiores. A deriva, quando vai ao encontro dessa língua, parece atingir a expressão de sentidos que capturam a marafona, com os quais esta se identifica, e que nós colocamos em relação com uma história lingüístico-cultural, trazida à tona por uma memória.

Desse modo, ao navegar por *Mar Paraguayo*, vemos que a personagem encontra nas entre-línguas (e de forma específica no guarani) o achado de um tesouro: mergulha, enquanto sujeito constituído pela memória da(s) língua(s) (cf. Payer, 2006), num mar onde a soberania de seus fluxos interiores aflora a partir de suas experiências subjetivas. Referimo-nos com “tesouro” ao bem simbólico que a marafona tem nessas entre-línguas que dá suporte àquilo do qual precisa tanto: seu desabafo.

---

## 5.2 OS EFEITOS DE UMA HISTÓRIA NA RELAÇÃO COM O GUARANI

A identificação com o guarani, na sociedade paraguaia, constitui uma teia tecida pelo real da história, cujo laço mais forte teria a ver com a relação sujeito/língua, com a afetividade. Meliá (1997a: 175-177) enumera aquilo que chama de “atitudes<sup>47</sup>”, efeito de um processo histórico que apresentaremos adiante:

a) O guarani é sinônimo de uma grande lealdade lingüística – uma lealdade que se relaciona com o nacionalismo, tida como “el símbolo del verdadero espíritu del pueblo”, “la fisionomia singular de la nación”;

b) A maioria das pessoas evidenciam uma atitude de orgulho ao redor de seu idioma nativo, manifestando-se freqüentemente por meio da projeção de seus sentimentos;

c) Existe na comunidade paraguaia a dificuldade de se considerar o guarani como uma língua de prestígio (em termos sociolingüísticos), isto é, como um idioma que permita progredir socialmente. Assim, em certas ocasiões e lugares, supõe-se um maior prestígio falar em guarani, sobretudo quando se pretende marcar a solidariedade e a afetividade com a comunidade;

---

<sup>47</sup> Diante de tais “atitudes”, imerso num processo rumo ao bilingüismo – como veremos ainda neste item V – o Paraguai imprime alguns contornos às suas línguas, onde o *jopará* está confinado às práticas lingüísticas da cultura paraguaia, tomado por grupos sociais que se entendem, capazes de falar uma língua funcional e coerente como sistema (cf. Meliá, 1992:183). Os autores paraguaios que escrevem em espanhol estão tendo que dar conta desta variedade de espanhol paraguaio, que se encontra em meio a formas lingüísticas guaranis, resultando em diversas soluções estilísticas e idiomáticas, cujos expoentes máximos são vistos, dentre outros, em Horacio Quiroga e Augusto Roa Bastos.

d) Questões como o *jopará*<sup>48</sup> (mistura de espanhol e guarani) contribuem para um sentimento generalizado de que “não se pode falar bem”, o que faz com que muitos manifestem o desejo de “depurar” o guarani.

De nossa perspectiva, os fragmentos em guarani que “escandem” o discurso da Marafona em *Mar Paraguayo* dizem claramente respeito a relações de afetividade – nos vários sentidos abertos pela enumeração de Meliá – entre o sujeito com a(s) língua(s) e, de forma específica, com o guarani; é no sujeito de nosso relato – a marafona – que habita a memória das línguas, como memória constitutiva de sua subjetividade; isto é efeito de um trabalho de autoria que, por sua vez, habita o gesto político que as (re)coloca num espaço imaginário – e na literatura –, fazendo com que as línguas ressoem no espaço do Cone Sul, preenchidas de sentido(s), com a força de uma literatura menor (cf. Deleuze e Guattari, 1977).

Tomando novamente como base os trabalhos realizados por um dos principais lingüistas que estudam essa cultura – Bartomeu Meliá – faremos um panorama acerca da história da língua guarani, para esboçar o complexo universo no qual se dão as práticas lingüísticas na fronteira. Conforme Meliá (1992:168), a língua guarani no Paraguai sofreu uma mudança radical na história paraguaia, durante o governo de Solano López (1862-1870). O evento histórico (cf. Meliá, 1992:168) que impulsionou tal mudança foi a Guerra do Paraguai, contra a Tríplice Aliança formada por Brasil, Argentina e Uruguai (1864-1870). Nesse momento – observa o estudioso

---

<sup>48</sup> De acordo com a descrição de Meliá (1992:184), o *jopará* é estruturado em orações que não são puramente do guarani: não é um espanhol com palavras guaranis, senão guarani com empréstimos, em grande quantidade, do espanhol. Assim, o status lingüístico do Paraguai, bem como o *jopará*, mostra a vitalidade de uma língua que se adapta e assume o mundo moderno, onde o guarani encontra-se então na oralidade do povo: “El único lenguaje que no se puede saquear, robar, repetir, plagiar, copiar”, como diria Augusto Roa Bastos, em *Yo El Supremo*.

tomando como base um estudo realizado em co-autoria com Pla –, o povo necessitava se sentir unido contra um inimigo comum, e buscava na língua guarani um aliado:

No ha quedado vestigio del proceso que llevó a la conclusión de que era no ya conveniente sino necesario, utilizar el guaraní. Podríamos en rigor considerar esta práctica como una ampliación del uso cotidiano del guaraní en las relaciones menos formales de campamento o de fuerte de frontera: debe tenerse en cuenta que la instrucción militar, especialmente de cabo para arriba, se daba reglamentariamente, en castellano. El hecho es que el vernáculo adquiere ahora lugar definido, y prestigio como vehículo de secreto y reserva militares, a la vez que como distintivo o signo nacional; **es un arma más para la defensa.** (Pla-Meliá, 1975:12-13 *apud* Meliá, 1992:168) (grifos nossos).<sup>49</sup>

Assim, para Meliá (ibid.), a partir de um ponto de vista sociolingüístico, a língua guarani se manifesta “útil” e “adequada” às necessidades de um povo, em detrimento do que o espanhol falado no Paraguai não poderia satisfazer. E, nesse sentido, tomando reflexões de Centurión, ele acrescenta:

[...] la guerra de 1864 a 1870 se nutrió con la sonora armonía del idioma autóctono. [...] El drama hondo y terrible, la tragedia singular de aquella época los sufrió, así, el pueblo paraguayo, en guaraní. Era la lengua en que lloraban las mujeres de la “residenta” y en la que odiaban y peleaban los varones de nuestra tierra. (Centurión, 1947: 1-75 *apud* Meliá, 1992:169).<sup>50</sup>

Estamos diante de uma história que reconfigura as memórias das línguas: a língua guarani tornou-se uma língua vinculada à defesa da pátria, por meio da qual um povo que sofria podia expressar seus mais profundos sentimentos, em virtude da guerra. Assim, de acordo com a série de relações de sentido às quais o guarani se

---

<sup>49</sup> PLA, Josefina e MELIÁ, Bartomeu (1975). *Bilingüismo y tercera lengua en el Paraguay*. Asunción: Universidad Católica.

vinculou na história, foi por meio da língua que o povo expressava “seus sentimentos, seu pranto e a sua revolta” (cf. Meliá, 1992:168).

Além disso, outro fator importante ao desenvolvimento do guarani, segundo Meliá (1988:116-117), foi o sistema de parentesco (intercâmbio de mulheres) adotado pelos colonizadores; sua importância se deve ao fato de que as mães falavam guarani com seus filhos (fruto da união com espanhóis), sendo portanto, um idioma associado à intimidade, à afetividade e às discursividades restritas a esse contexto. Ao mesmo tempo, reivindicavam a língua espanhola, a do pai, como ponto de referência e “honor” para seu filhos – o que já produzia um sujeito cindido, rachado por duas línguas.

No princípio do século XX, observa Meliá (1992:172) a língua guarani passa a sofrer uma forma de estigmatização vinculada, mais especificamente, ao fato de que por volta do final do século XIX, houve uma forte tendência no Paraguai (oriunda da presença de muitos estrangeiros no país), que identificava o idioma espanhol como “sinônimo de civilização e de cultura”, em oposição ao guarani – associado à “principal causa do atraso geral do país”. Neste período, surge um grupo de jovens intelectuais que reivindicam o guarani como a língua da nacionalidade, ainda que seus escritos em prosa estejam em espanhol (cf. *ibid*).

Da mesma forma que havia ocorrido na Guerra do Paraguai, a Guerra do Chaco, entre 1932 e 1935 aviltou o prestígio do guarani. Nessa guerra, o governo, por razões de segurança, proibiu o uso do espanhol em campo de batalha. Uma ordem geral, de nº. 51 do Comando em exercício do Exército do Chaco declarava:

---

<sup>50</sup> CENTURIÓN, Carlos R. (1947-1951). *Historia de las letras paraguayas*. Buenos Aires: Editorial Ayacucho.

Art. 7º: Las conversaciones y las claves secretas se harán exclusivamente en guaraní.

Nessa fase, houve um grupo de historiadores e sociolinguistas a afirmarem que os conflitos bélicos internacionais, pelos quais passou o Paraguai, contribuíram decididamente para a vitalidade e sobrevivência do guarani (cf. *ibid*, 173), como se a história lingüística do Paraguai – dizemos nós – fosse um pêndulo que se move entre a paz e a guerra. Na bipolaridade entre paz e guerra, na Espanha, o jornal *El País*, de 3 de março de 1939, colocou o guarani como o idioma da barbárie, estigmatizando ainda mais a questão:

[...] el Paraguay tiene un gran enemigo de su progreso en el idioma guaraní [...] Como idioma de la barbarie, entorpece la lengua [...] articulación salvaje, que no tiene literatura (*apud* Meliá, 1992: 173).

Dessa forma, vemos que, por efeitos inclusive de um processo de colonização, o guarani é estigmatizado, como uma língua associada à guerra e, também, associada à dicotomia civilização/barbárie, que entrou em jogo.

É somente com a constituição de 1967, como observa Meliá (1992: 173), que as autoridades do Estado paraguaio começam a olhar os contornos de seu passado histórico, percebendo que a língua guarani constituiu a causa direta da nacionalidade e da união do povo. De acordo com essa disposição legal – a mais significativa da época (cf. *ibid*: 173) – começaram a ser esboçadas políticas lingüísticas de proteção e ensino da língua guarani<sup>51</sup>:

Los idiomas nacionales de la República son el guaraní y el español. Será de uso oficial el español (Art. 5º)

---

<sup>51</sup> A partir da introdução sistemática de ensino da língua guarani no âmbito educacional, criou-se em 1971 a Licenciatura em Língua Guarani – o idioma passa a ser obrigatório nas Faculdades de Medicina, em virtude da necessidade de conhecimento na profissão.

El Estado fomentará la cultura en todas sus manifestaciones. Protegerá la lengua guaraní, y promoverá su enseñanza, evolución y perfeccionamiento (Art. 92)

Atualmente o Paraguai constitui uma referência para sociedades em estado de bilingüismo. Suas línguas são o espanhol e o guarani, associadas respectivamente ao futuro e à memória no imaginário social; a situação atual da língua guarani – associada a esse futuro – caminha num movimento na direção de colocar, cada vez mais, a língua na escola.

Durante muitos anos, o ensino do guarani passou por uma história de altos e baixos, que reflete em problemas propriamente pedagógicos, como indecisão e ambigüidade política. Como conseqüência desses problemas, a educação bilíngüe carecia, todavia, de sólidos programas e experiências. De alguns anos para cá, tal quadro tem mudado de situação no Paraguai – este momento de transição vem ganhando espaço desde 20 de junho de 1992, data em que foi sancionada e promulgada uma nova Constituição no Paraguai, onde se declara:

*Artículo 140.* El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe.  
Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní.  
La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro.  
Las lenguas indígenas, así como las de otras minorías, forman parte del patrimonio cultural de la Nación.

Sendo assim, passou-se a trabalhar o bilingüismo no Paraguai, para que deixasse de ser um mito (cf. Meliá, 1992:175), bem como a tratar as várias questões relacionadas a esse processo.

Inclusive, como afirma Meliá, devem ser trabalhadas também as atitudes. O orgulho por falar uma ou outra língua, a rejeição de um ou outro idioma, o prestígio e as regras de uso (bem como o conhecimento das normas lingüísticas) são atitudes vigentes na sociedade paraguaia, que Meliá formula nos seguintes termos (1997a:162):

- a) El guaraní es *nuestra* lengua,
- b) pero no la sabemos hablar bien.
- c) El aprendizaje del castellano y su uso (por lo menos en su forma de idiolecto paraguayo) es condición necesaria de aprendizaje formal y escolar, entre otros motivos porque el guaraní carece de términos para la vida moderna.
- d) El castellano es medio de progreso social y económico.

Conforme assinala Sturza (2005: 48), o reconhecimento do guarani como língua oficial do Paraguai, aliado à sua destacada posição de língua materna da grande maioria da população, “é um ingrediente fundamental na configuração das línguas da fronteira, sobretudo pela importância étnica e identitária que o guarani ocupa frente a outras línguas, as dos imigrantes e a do Estado”.<sup>52</sup>

Tal condição é assumida pelos paraguaios, não só pelos que se dizem monolíngües, como também pelos ditos bilíngües. O país não se coloca ante uma condição de aprendizado de uma terceira língua, para poder melhor se relacionar com outras comunidades lingüísticas, mas na fase de aprendizado de uma segunda língua (cf. *ibid*), como reflexo de uma opção social, cultural e política, mais em consonância com seu processo histórico e com sua identidade lingüística.

Porém, os estudos de Meliá (1997a:163) mostram que a situação das línguas faladas no Paraguai está longe de ser equilibrada: os falantes de uma ou outra língua são discriminados pelo fato de falar uma única língua, sendo muita das vezes, afastados da participação na comunicação de mensagens e bens econômicos,

---

<sup>52</sup> Quando Sturza afirma que a língua materna de muitos paraguaios seria o guarani, nós gostaríamos de colocar uma disjunção: essa língua materna, tão singular para cada falante, para cada sujeito, pode ser o espanhol, pode ser a mistura de línguas – o *jopará*. Pensamos a língua materna como uma dimensão (cf. Payer, 2006) que, inclusive, pode ser habitada por várias línguas, por fragmentos.

privando-os de seus direitos humanos universais – observamos que nesses casos as próprias línguas designam tais falantes.

Assim, Meliá conclui que o Paraguai passa por um processo de **diglossia**, que denota a diferença de status sociopolítico entre as duas línguas em questão. Com a afirmação do bilingüismo no Paraguai, a língua guarani não se beneficia dos “poderes” propiciados pela escrita, que cabem quase exclusivamente ao espanhol, como um reflexo do processo **diglósico** (cf. Meliá, 1992:191) que marcou a história desse país, enquanto formação social e enquanto nação, inclusive no seu processo de independência.

Para reverter essa questão de diglossia, lingüistas paraguaios estão empenhados na discussão de políticas lingüísticas que assegurem uma planificação lingüística, sem que a sociedade sofra o impacto de uma integração cultural. Para tal, a adoção de medidas – como a implementação de uma educação bilíngüe – revela um processo que enfrenta dificuldades, diante da falta de sensibilização em vários estamentos da sociedade (em especial do setor educativo), somada à falta de recursos humanos capacitados, como supervisores, diretores de área, técnicos e docentes.

Como perspectivas de um futuro, a situação do bilingüismo no Paraguai vai além de uma problemática educativa, pois entra em discussão o fato de se poder viver enquanto sujeito social, com duas línguas próprias, que traçam uma distância cultural nas distintas categorias comunicativas. Muitos críticos se indagam acerca do bilingüismo no Paraguai, como “um camino hacia la indiferenciación de sistemas culturales” (Meliá, 1997a:174), colocando a questão num campo da experimentação, cujos resultados estão em vias de processo.

---

### 5.3 A QUESTÃO DAS PRÁTICAS LINGÜÍSTICAS NA FRONTEIRA: A HISTORICIDADE PRESENTE NA MEMÓRIA

Orientando nossa navegação a partir da língua, focalizando-a em conformidade com o que ela significa por sua relação com a história, então estamos considerando a memória “da” língua. De acordo com Payer (1999), “a memória histórica é parte constitutiva da língua em que essa mesma história se dá”; nesse sentido, a língua significa por sua relação com a história.

Exploramos alguns pontos cruciais acerca da história e da cultura da fronteira, para, a partir de então, entender e resignificar o lugar do entremeio e do guarani em *Mar Paraguayo*, permitindo-nos transitar em meio à memória das línguas, trabalhada pelo gesto de autoria.

Conforme nos mostram os estudos de Sturza (2005:47), devemos considerar a história das línguas praticadas nas zonas de fronteira do Brasil, a partir de duas condições fundamentais: segundo a primeira, as nossas fronteiras geopolíticas também se definem pela existência de um par de línguas, com um contato histórico e genealógico muito estreito, que é o do português-espanhol; de acordo com a segunda, a história de contato dessas línguas, na América, é compartilhada pela história de outras línguas com as quais convivem e/ou entram em conflito, como por exemplo, o guarani. Ambas as condições são reforçadas pelo modo como nossas fronteiras políticas foram sendo constituídas ao longo da história.

A história daquilo que Sturza (cf. *ibid.*) denomina como “práticas lingüísticas” não objetiva recuperar apenas os registros existentes sobre as línguas praticadas nas zonas de fronteira e, neste sentido, vale a pena salientar que quase dois séculos depois

de conflitos, solucionados pela armas ou pela diplomacia, ainda desconhecemos muito da situação de contato do português brasileiro com o espanhol nas zonas fronteiriças do Brasil com os demais países hispano-americanos. A pesquisa de Sturza centra-se, sobretudo, como ela mesma reconhece, na interpretação das relações entre as línguas nessas práticas (cf. *ibid.*).

Nesse sentido, a pesquisadora observa que, mesmo onde os agrupamentos são menores e menos populosos, a fronteira efetivamente é complexa pela natureza de sua formação e pelo modo como se estabelecem ali as relações sociais das diferentes etnias que a habitam: “as fronteiras geográficas são preenchidas de conteúdo social” (cf. 2005: 47). Se – como observa Sturza – as fronteiras são sociais, se nelas vivem diferentes etnias – índios, espanhóis, árabes, portugueses, alemães, entre outros –, o contato lingüístico é uma consequência inevitável, e a situação das práticas lingüísticas nessas regiões, de um modo geral, resulta um campo pouco explorado pela lingüística brasileira (cf. Sturza, 2005). Nesse sentido, concordamos com a pesquisadora, ao reconhecer uma **fronteira compartilhada** – um lugar que tem uma dinâmica social muito particular, sustentada pelo movimento migratório das populações e suas contínuas transgressões territoriais” (Sturza, 2005: 47).

Convém destacarmos que designar essa prática lingüística é uma tarefa que já apresenta dificuldades e posicionamentos políticos no próprio contexto nacional dos países envolvidos pois, conforme define Sturza, o português é “brasileiro” e o espanhol é “castelhano”<sup>53</sup> – nós poderíamos acrescentar “espanhol do Uruguai, da Argentina, do Paraguai” e assim continuaríamos acompanhando a fronteira rumo ao

norte/oeste –, o que já por si mesmo marca a diferença das línguas – língua portuguesa de Portugal e língua espanhola da Espanha – e de seus (ex-)domínios políticos na América hispânica (cf. *ibid*).

Ao tratar do espaço das línguas dominantes na América Latina, Guimarães (2001), refere-se:

(...) a um espaço configurado pela presença de outras línguas em funcionamento, de um lado as línguas indígenas e o espanhol, além do contato com a língua portuguesa, e de outro, as línguas indígenas, as línguas africanas e o português, além do seu contato com o espanhol. Neste sentido estamos configurando este espaço por uma memória que lhe é própria, sem a qual ele não é este espaço. E nesta medida cabe pensar, inclusive, a história da constituição do espanhol e do português como línguas nacionais.

Nesse espaço, línguas e sujeitos se (inter-)(des)territorializam. Para Sturza, com o status de línguas oficiais e predominantes, o português e o espanhol na América se colocam lado a lado ao longo das fronteiras geográficas que compartilham (cf. Sturza, 2005). Contudo, gostaríamos de dar destaque para o conceito do ponto de vista da situação étnica, onde os grupos de convívio e seus contatos lingüísticos, em diferentes regiões fronteiriças do Brasil com os demais países da América do Sul, contribuem para a constituição de um panorama lingüístico heterogêneo, muito aquém do que representa a dualidade português-espanhol no seu estatuto de línguas “maiores”.

Retomando as formulações de Sturza (*id.*:47) nossas fronteiras são marcadas por uma **heterogeneidade lingüística**, iniciando-se ao norte, onde há o contato entre as diferentes nações indígenas, entre o português e o espanhol – apresentando uma

---

<sup>53</sup> A autora está fazendo um jogo com a designação mais freqüente do “espanhol”, nesses países que fazem fronteira com o Brasil.

clara situação de plurilingüismo – até a região oeste, onde as fronteiras brasileiras são também marcadas pelo convívio do português brasileiro e do espanhol com as línguas indígenas da Bolívia e do Paraguai.

A heterogeneidade lingüística do Paraguai – atravessada pelo funcionamento de uma diglossia histórica que implica em apagamentos e interdições – aparece em *Mar Paraguayo* levada ao extremo da fronteira, isto é, o gesto de autoria trabalha a estética – sobrecarregada de sotaque – na fronteira, onde aparecem os limites de nações vinculadas a uma história de colonização; então, nos deparamos, como leitores, com toda essa complexidade: a heterogeneidade desbordante de memórias de línguas. Inclusive, no que se refere à memória do português – a língua nacional do Brasil – esta entra de forma muito particular em *Mar Paraguayo*: entra no entremeio e, só nessa configuração, pode ser pensada como um dos componentes que faz parte da dimensão da linguagem, que com relação a um sujeito, é uma língua materna – já não mais **uma língua**, que coincidiria com a língua falada pela mãe, mas uma **dimensão**, como já dissemos em outros momentos deste nosso trabalho (cf. Payer, 2006: 127). O trabalho de autoria, pelo fato de emprestar a voz ao **lugar de fala** da Marafona (Payer, 2006: 137), legitima na literatura essa fala – que aliás, pensamos ser trabalhada numa dimensão estética.

Além do mais, o “falar em público” que no texto aparece de alguma forma indicado – mediante a designação do “doutor Paiva” (p. 73) – também exerce uma legitimação, onde a diferença familiaridade/formalidade fica afetada (cf. Payer, 2006: 131). A linguagem da marafona, na textualidade de *Mar Paraguayo*, transcende o âmbito do familiar, coloca em xeque o falar certo/falar errado (dentro/fora da escola)

e leva a um âmbito mais formal – o que poderia ser evocado por uma confissão diante de autoridades ou, ao menos, o evocado por uma interlocução mais formalizada. Legitima-se aí uma língua não apenas familiar pela afetividade, pelas recordações, mas sobretudo pela discursividade, pelos dizeres que ela sustenta e até pelo fato de ser articulada nas entre-línguas (cf. Payer, id.: 131).

Os aspectos do que conceituamos como constituidores de uma historicidade e de uma ideologia podem se tornar visíveis na materialidade da língua, tendo em vista que estes aspectos constituem e estabilizam as práticas lingüísticas inscritas e instituídas na cultura de uma fronteira singular. Por meio desses aspectos, vimos que a memória vai se constituindo e se organizando no e pelo discurso, inscrevendo-se na palavra e nas práticas do discurso, capaz de fazer perdurar a emoção humana.

Na composição dessa memória, busca-se uma entrega amorosa à paisagem e ao guarani – um povo que por tradição sempre vai em direção ao mar, na busca de uma terra sem-males, de acordo com Gasparini (2004:8), na “búsqueda de una tierra exenta de dolor (un mito común a los diferentes grupos guaraníes, tanto brasileños como paraguayos)”, abrindo o acesso a uma vida nova, reencontrados na materialidade da linguagem.

---

## VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Como mostramos, a escritura de *Mar Paraguayo* rompe com os limites, sejam eles geográficos, lingüísticos ou poéticos. Por meio do desabafo, postula uma confissão de inocências e culpas em torno do desamparo, do desejo e da morte, e de uma incógnita que não se desvela claramente, numa virtualidade discursiva que navega por entre as línguas, num espaço de conjunção e desestratificação que designamos por “entremeio espanhol-português escandido de guarani”.

*Mar Paraguayo* se inscreve a partir de múltiplos deslocamentos: constitui um relato ficcional e poético, que transcorre numa linearidade presente, mas que rememora uma memória, isto é, um passado que reverbera no sujeito, além de afetar um futuro, que se instaura a partir dos questionamentos de um “porvir”, dos rumos a serem trilhados pela personagem, consumada sua inocência/culpa. É uma escritura que se transforma em testemunho e que se assenta sobre um sutil fio narrativo, construído por meio de uma prosa confessional articulada a uma tensão entre as línguas, instaurado numa (im-)possibilidade de reconstrução do real.

Na complexa relação que se dá entre línguas maiores (português e espanhol) e o guarani, vimos como se faz a inscrição dessas línguas na literatura que, por meio de um gesto de autoria, extrai o que há de mais imprevisível e revelador nessas línguas, propiciando uma potencialidade semântica. Vimos também, que o equívoco coloca em movimento as engrenagens dessa mecânica, ao submeter as línguas, umas ao vacilo das outras, onde o gesto que trabalha com as “diversas formas de representar a modalidade oral na literatura” aparece ligado a uma “elevada significação”, como poderia observar Kulikowski (2002a:01) – as

palavras se fixam, ancorando num território imaginário, no qual “no se las lleva el viento”, diria a própria pesquisadora.

Nesse sentido, mostramos o modo como a materialidade da linguagem reverbera sobre o leitor, conduzindo-o a infinitas imagens, alcançando os efeitos poéticos e de sentido na obra. Tais efeitos, estabelecidos pelas relações entre o gesto de autoria e o gesto que insere a personagem no fluxo intermitente de um falar/contar/desabafar, permite dizer sobre a subjetividade da personagem, em meio à oralidade em sua relação com a língua guarani.

Assim, no (des)enrolar do fio do discurso da personagem, o “aflorar” do guarani, em pausas e reflexões que encerram determinadas cenas numa espécie de síntese, possibilita que este sujeito se depare, se encontre com um estado de ânimo que lhe oferece o alento necessário à proclamação de sua inocência. A forma como aparece a língua guarani na textualidade é, portanto, indício de um processo de exclusão sofrido por essa língua. Diante desse processo, no próprio sujeito vemos esse apagamento refletido, a partir do momento em que se permeabiliza em sua subjetividade, observando-se um processo de constante questionamento e reformulação.

Podemos concluir também, que o gesto de autoria trabalha com uma contradição política no sentido da inclusão/exclusão dos sujeitos ante as línguas. Ao retomar um conceito de Rancière, filósofo francês, o político é caracterizado por Guimarães (2002: 16) como “um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento”; esse caráter – o político – é colocado em evidência em *Mar Paraguayo* a partir do momento em que se estabelece a desigualdade entre as

línguas. É nessa desigualdade que reside a afirmação de pertencimento e igualdade, resignificada como abuso e impropriedade (cf. Guimarães, 2002: 16), capaz de desmontar a contradição normativa estabelecida. Ainda segundo Guimarães (id.), estabelecer a desigualdade torna-se necessário à vida social, de onde emerge o político como uma consequência “incontornável porque o homem fala”.

Abordamos também alguns aspectos que traçam um panorama histórico da língua guarani no Paraguai, por meio dos quais buscamos dar sentido ao uso dessa língua em *Mar Paraguayo* – língua que **faz sentir**. Como uma língua que, com relação à marafona, parece – imaginariamente – contornar a incompletude ou a inefabilidade constitutivas, parece dar conta da completude, parece capturar o inefável. Assim, nos levou a traçar relações com sua historicidade no Paraguai e na fronteira que parece transcender os limites da nação paraguaia.

Dessa forma, vislumbramos as marcas deixadas por uma subjetividade, que se constitui no fio do discurso de uma representação literária da oralidade entre-línguas, trabalhada por um gesto de autoria que, com grande eficácia, produz um espaço imaginário (a utopia do mar paraguaio), retomando Gasparini (2004:8), na “búsqueda de una tierra exenta de dolor”. Assim, em meio a línguas que se relacionam de forma imaginária, num uso intensivo que possibilita entrever efeitos de poesia no português, espanhol e guarani, o **imaginário** tem, em *Mar Paraguayo*, uma eficácia que entrelaça o político e o estético.

---

## VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ACHARD, P. (1996). ¿La especificidad de lo escrito es de orden lingüístico o discursivo? In: CATCH, Nina (comp.). *Hacia una teoría de la lengua escrita*. Barcelona: Gedisa.

BAKHTIN, Mikhail (2003). *Estética da Criação Verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (1998). *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. São Paulo: Hucitec/UNESP.

BRUNER, J. e WEISSER, S. (1995). La invención del yo: la autobiografía y sus formas. In: OLSON, D. e TORRANCE, N. (Orgs.). *Cultura escrita y oralidad*. Barcelona: Gedisa.

BUENO, Wilson (1992). *Mar Paraguayo*. São Paulo: Iluminuras.

BUENO, Wilson (2004). “Decassílabo perfeito para nação imperfeita”. In: *Revista Trópicos – UOL*; entrevista realizada por Marcelo Pen, em 25/11/2004. Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2484,1.shl>

CANGI, Adrián (2000). “Una poética bastarda”. In: *Revista Tse, Tse 7/8*. Buenos Aires: Outono.

CELADA, María Teresa (2006). *Lenguas y discursos sobre las lenguas. Movimientos epilingüísticos y metalingüísticos*. Trabalho apresentado no IV Congresso Brasileiro de Hispanistas, Rio de Janeiro, 03 a 06 de setembro.

\_\_\_\_\_ (2002). *Uma língua singularmente estrangeira. O espanhol para o brasileiro*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

\_\_\_\_\_ (2000). “Acerca del errar por el portugués”. In: *Revista Tse, Tse 7/8*. Buenos Aires: Outono.

CORACINI, M.J. (org.) (2003). *Identidade e Discurso*. Campinas: Editora Unicamp.

CORVALAN, Graziela e DE GRANDA, German (orgs.) (1982). *Sociedad y lengua: Bilingüismo en el Paraguay*. Tomo I. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos.

DAVIÑA, Liliana S (2003). *Fronteras discursivas en una región plurilingüe – español y portugués en Misiones*. Dissertação de mestrado. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires.

\_\_\_\_\_ (1998). *Navegaciones en “Mar Paraguayo”*. Seminario de Maestría en análisis del discurso. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires. Inédito.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1977). “O que é uma literatura menor?”. In: \_\_\_\_\_. *Kafka. Por uma literatura menor*. (Trad. por Júlio Castañon Guimarães). Rio de Janeiro: Imago.

FREIXEIRO, Fábio (1971). *Da razão à emoção II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

FRIEDMAN, Norman. (s/d.). O ponto de vista na ficção, o desenvolvimento de um conceito crítico. In: STEVICK, Philip, ed. *A teoria do romance*. New York (Edição traduzida).

GASPARINI, Pablo (2004). “*Hacia la subversión geográfica: Mar Paraguayo de Wilson Bueno*”, texto apresentado ao III Congresso Brasileiro de Hispanistas organizado pela ABH e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

GUIMARÃES, Eduardo (2002). *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_ (2001). "Políticas de línguas na América Latina". In: *Relatos*. Junho, Projeto História das idéias lingüísticas. Ética e política das línguas. DL – IEL - Unicamp/ DL - FFLCH –USP.

HAROCHE, Claudine (1992). *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: HUCITEC.

KULIKOWSKI, María Zulma Moriondo. (2002a). “¿A las palabras se las lleva el viento?: ritualización del habla y procesos identitarios”. In: *CONGRESO BRASILEÑO DE HISPANISTAS*, 1., San Pablo. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000012002000100043&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000100043&lng=en&nrm=abn)>. Acess on: 02 July. 2007.

\_\_\_\_\_ (2002b). “Oralidad en la literatura: ecos de lo cotidiano en Manuel Puig”. In: *CONGRESO BRASILEÑO DE HISPANISTAS*, 1., 2002, San Pablo. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000012002000100044&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000100044&lng=en&nrm=abn)>. Acess on: 02 July. 2007.

MACIEL, Sheila Dias (2004). A literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, Antônio R. e MACIEL, Sheila D. *Em diálogo: estudos literários e lingüísticos*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004, p. 75 a 91.

\_\_\_\_\_ (2005). Termos de Literatura Confessional em discussão. In: *GUAVIRA Letras*, Revista do Mestrado em Letras da UFMS. N.1.

MARIANI, Bethânia (2003). Subjetividade e imaginário lingüístico. In: *Revista Linguagem em (Dis)curso*. Vol. 3.

MELIÁ, Bartomeu (1997). *El Paraguay inventado*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 1997.

\_\_\_\_\_ (1997a). Problemas del bilingüismo en el Paraguay. In: *Políticas lingüísticas para América Latina*. Actas del Congreso Internacional Brasil – Argentina, p. 161-175.

\_\_\_\_\_ (1992). *La lengua guaraní del Paraguay: Historia, sociedad y literatura*. Madrid: Editorial Mapfre.

\_\_\_\_\_ (1988). Diglosia en el Paraguay (o la comunicación desequilibrada). In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Política Lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes.

MILNER, Jean-Claude (1989). *El amor por la lengua*. México: Nueva Imagen.

MILNER, Jean-Claude (s/d.). Quelques opérations de détermination en Français. In: HAROCHE, Claudine (1992). *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: HUCITEC, pp. 13-15.

ORLANDI, Eni P. (2002). *Língua e conhecimento lingüístico*. São Paulo: Cortez.

\_\_\_\_\_ (2001). *Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_ (1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes.

\_\_\_\_\_ (1998). Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, I. (org.). *Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: FAPESP, FAEP/Unicamp, Mercado de Letras, p. 203-212.

\_\_\_\_\_ (1992). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

PAULILLO, Rosana (2004). *A Enunciação Vacilante: formas do heterogêneo no discurso de si*. Tese de doutoramento apresentada à UNICAMP sob a orientação da Profa. Dra. Eni Orlandi. Campinas, Brasil.

PAYER, Maria Onice (1999). *Memória(s) da língua. Língua nacional e língua materna*. III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural, IEL/Labeurb, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

\_\_\_\_\_ (2005). “Memória, esquecimento e ensino. Língua de Imigrantes (italianos) no Brasil.” In: *Anais do IV Encontro Internacional da ABRALIN* (no prelo).

\_\_\_\_\_ (2006). *Memória da língua – Imigração e nacionalidade*. São Paulo: Escuta.

PÊCHEUX, M. (2006). *O discurso. Estrutura ou acontecimento*. (Trad. por Eni P. de Orlandi). 4ª edição. São Paulo: Pontes.

\_\_\_\_\_ (1988). A forma-sujeito do Discurso. In: *Semântica e Discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, pp. 159-185.

\_\_\_\_\_ (1988). *Semântica e discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. (Trad. por Eni P. Orlandi, Lourenço Ch. Jurado Filho, Manoel L. Gonçalves Corrêa e Silvana Serrani.) Campinas: Editora da Unicamp. (Original em francês: *Les vérités de la Palice*. 1975)

PERLONGHER, Nestor (2000). El portuñol en la poesia. In: *Revista Tse, Tse 7/8*.

Buenos Aires: Outono.

REVUZ, Christine (1998). A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.). *Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: FAPESP, FAEP/Unicamp, Mercado de Letras.

STURZA, Eliana Rosa (2005). Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. In: *Revista Ciência e Cultura*, vol.57, nº 2. São Paulo, Abril-2005.

ZOPPI-FONTANA, M. (1995). O espanhol no espelho. In: *Anais Encontro sobre Políticas Lingüísticas*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná e Associação de Universidades Grupo Montevideu, p. 62-65.

---